BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

DOM Dinis

Nº55 28 de Janeiro de 2000 **Quinzenal** **Director:**Bruno Ferreira
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Distribuição Gratuita**

Transmissão de poder

Humberto Martins, novo presidente da DG/AAC, em entrevista a "A Cabra" falou–nos da polémica à volta da auditoria às contas da AAC e do modo como pode afectar o seu funcionamento.
O estudante elegível, o novo edifício da AAC no Pólo II e a relação que quer manter com a Comissão Organizadora da Queima das Fitas foram outros dos temas abordados na conversa.

Academia

Nova DG/AAC

Os corpos gerentes da Associação Académica tomaram posse dia 11. Humberto Martins, recém–eleito presidente da Direcção–geral da AAC, iniciou as hostilidades, começando por reivindicar mais dinheiro ao Estado.

O Reitor também alertou para a escassez de meios financeiros postos à disposição da Universidade e para a necessidade de inovação para resolver os seus problemas.

Página 6

Cidade

Associação Pro Urbe

A Associação Cívica Pro Urbe, formada há cerca de cinco anos, procura, no âmbito de Coimbra, consciencializar toda uma população para uma ideia comum de cidade a cuidar e a defender.

A promoção de debates e a disponibilização de opiniões especializadas sobre as várias matérias que dizem respeito à cidade, são outros objectivos perseguidos pela associação.

Páginas 13

Exames

Dicas para não chumbar

Chegada a época de frequências, a muitos não será alheio o problema da procura do local de estudo ideal. Ambiente, companhia, localização são factores a que não é alheia a escolha do santuário do estudo de cada um.

A Cabra procura, pois, fornecer elementos que ajudem cada um a fazer a sua escolha.

Para ler e aplicar.

Páginas 14 e 15

Humberto Martins em entrevista

"AAC tem de ser melhor gerida"

Em entrevista a "A Cabra", Humberto Martins, recentemente eleito presidente da DG/AAC, rvela as suas primeiras impressões à frente da mais antiga Academia do país. "A Cabra" quis saber quais as suas opiniões em assuntos como a política educativa, a construção do novo edifício da AAC, a auditoria "herdada" do mandato de Hugo Capote e a relação Queima das Fitas/Direcção Geral da AAC.

"Não nos agradou a falta de compromissos do Ministro"

Entrevista realizada por Ana Laura, Pedro Correia e José Carlos Santos

Na Quarta–Feira, dia 12 de Janeiro, houve uma reunião das Associações de Estudantes com o Ministro da Educação, Guilherme d'Oliveira Martins. Quais foram as conclusões relativamente à postura, às pretensões e aos objectivos manifestados?

A reunião decorreu normalmente, mas não nos agradou a falta de compromissos nalguns pontos que nós desejaríamos. Temos um novo Ministro com uma outra postura pessoal mas as políticas são as mesmas. Conclusivo, só foi um ponto que ficou esclarecido, que foi o conceito de estudante elegível.

E qual foi o fa resposta do Ministro?

Não há uma intenção política de levar esse conceito adiante. Para ele, para se poder falar de estudante elegível, têm de se observar duas permissas: a figura do estudante elegível nunca poderia ser usada como instrumento financeiro, o que dissocia o conceito de estudante elegível de qualquer contingência financeira que poderia advir do facto da não elegibilidade dos estudantes, o que implica, das duas uma, ou o ministério continua a financiar os estudantes não elegíveis ou então o estudante era excluído. O segundo ponto que o Ministro enfatizou foi que a figura do estudante elegível nunca poderia promover a exclusão de estudantes do Ensino Superior. O que contraria em muito o que é o conceito de estudante elegível como ele vem definido na lei.

E as associações de estudantes vão seguir uma política de pressão em relação a esse conceito?

Nós não defendemos a aplicação deste conceito porque é desarticulado. E aqui não somos só nós a fazer pressão, as próprias Universidades e o Conselho de Reitores já manifestaram a sua intenção de que este conceito não vá por diante.

Então podemos esperar uma revogação desse ponto da lei?

Se o Ministro disse que temos de o ver de outra perspectiva não está a admitir a revogação,está apenas a admitir que lhe vai dar uma outra interpretação.

Quanto aos cortes orçamentais previstos para 2000, é uma questão conjuntural no Ensino Superior ou que é pontual e afecta apenas a Universidade de Coimbra?

O Ministro admitiu que a Universidade de Coimbra está a ser prejudicada em termos de financiamento. Embora reconheça que em relação à UC o orçamento poderia ser complementado, não deu nenhum indício que o sistema de financiamento teria que ser repensado. O Reitor deixou bem claro, na nossa tomada de posse, que sem os contratos–programa a Universidade correria o risco de ter sérios problemas de funcionamento. Ora o contrato de qualidade, que deveria servir para potenciar a qualidade no ensino, está a ser usado para cobrir falhas no orçamento destinadas ao mero funcionamento da Universidade, o que tem o grande risco de um dia, quando nos vierem pedir contas da qualidade não as podermos apresentar porque a verba destinada à qualidade foi aplicada noutros sítios.

O Ministro admitiu que a Universidade de Coimbra está a ser prejudicada em termos de financiamento

O próprio Reitor disse que a Universidade de Coimbra funcionaria com cerca de 17 milhões de orçamento. Nós estamos a receber 15, se vierem mais dois milhões de contos não serão aplicados na qualidade, mas no mero funcionamento.

Com os cortes orçamentais para a Universidade advêm cortes no apoio da Reitoria à AAC. Como é que a DG/AAC vai sobrepôr esse obstáculo, considerando que o Reitor apelou à imaginação?

É preciso imaginação e ginástica em termos de contabilidade. Neste momento o que vamos começar a alterar é ao nível do método de funcionamento e de trabalho contabilístico. Mas estamos sempre dentro de uma política de contenção.

O Hugo Neto (presidente da Federação Académica do Porto - FAP) e o Nuno Félix (presidente da Associação Académica de Lisboa - AAL) são ambos estudantes do Ensino Privado, representando uma larga camada de estudantes. Qual é a aceitação deles às tuas propostas?

Eles partilham das minhas opiniões. Na reunião das associações académicas o que a FAP e a AAL lá estavam a fazer era representar os interesses dos estudantes do ensino superior público universitário. E apesar de ser estudante do ensino particular e cooperativo, o Hugo Neto já afirmou que ele é defensor da escola pública.

Nota–se, pelo menos desde o ano passado, um deslocamento da luta da questão das propinas para a luta pela qualidade. Podemos resumir a luta, nos próximos tempos, num lema "Pagamos, então podemos exigir qualidade"?

Não haverá contestação pela contestação, a haver é para ter um fim

Não me parece que neste momento possamos encarar a questão sob esse lema. Nós ao pagarmos ou ao não pagarmos estamos a contribuir para que uma lei seja desrespeitada. Porque é que nós havemos de respeitar estritamente uma lei quando o Ministério da Educação é o primeiro a não a respeitar. Se o Orçamento da Universidade de Coimbra fosse 16 milhões, as propinas fossem milhão e meio, o estado dá 14,5 milhões o que é que deveria acontecer teoricamente? E aí estávamos numa discussão do princípio das propinas, se devemos ou não contribuir no financiamento do ensino superior. O que acontece é que o estado desresponsabiliza–se, as universidades sem o dinheiro das propinas não funcionam.

E o dinheiro das propinas serve para pagar aos funcionários...

Sim, em termos dos orçamentos para as universidades existe uma fórmula 80/20; 80% para salários, 20% para outras despesas com a universidade.

E em relação ao combate pela aplicação do dinheiro das propinas o que é que podemos esperar da DG?

Nessa reunião deu–se a entender ao sr. Ministro que não tínhamos concretizado os objectivos propostos. Imediatamente o sr. Ministro dispôs–se a agendar outra reunião nesse sentido. A nível do movimento associativo está–se a equacionar essa hipótese como se está a equacionar outra hipótese que o Ministro adiantou no sentido das associações sugerirem medidas de combate ao insucesso.

Mas à primeira vista não me parece que tenham de ser as associações que tenham de fazer o trabalho de casa das universidades e do sr. Ministro da educação. O que acontece é que as associações não legislam, poderão eventualmente contribuir. Não haverá contestação pela contestação, a haver contestação é para ter um fim. Há que equacionar a viabilidade da contestação neste momento. Todos sabemos que temos uma Academia desmobilizada porque está desinformada.

A informação aos alunos passa pela provedoria do estudante? Em que medida estão as negociações com a Reitoria relativamente a isso?

Em relação à provedoria do estudante nós propusemos a sua criação na campanha como uma actividade integrada dentro da DG. A DG teria um conjunto de pessoas que se dedicaria ao levantamento e exposição dos problemas dos estudantes com cariz formal e com alguma análise legal à luz dos regulamentos internos e dos estatutos das faculdades. Fiquei surpreendido com as declarações do Sr. Reitor na tomada de posse.

Nas negociações feitas no mandato de Hugo Capote falou–se na hipótese de o Provedor ser um professor...Esta concepção é totalmente diferente da que a tua lista apresentou, em que o Provedor seria um estudante...

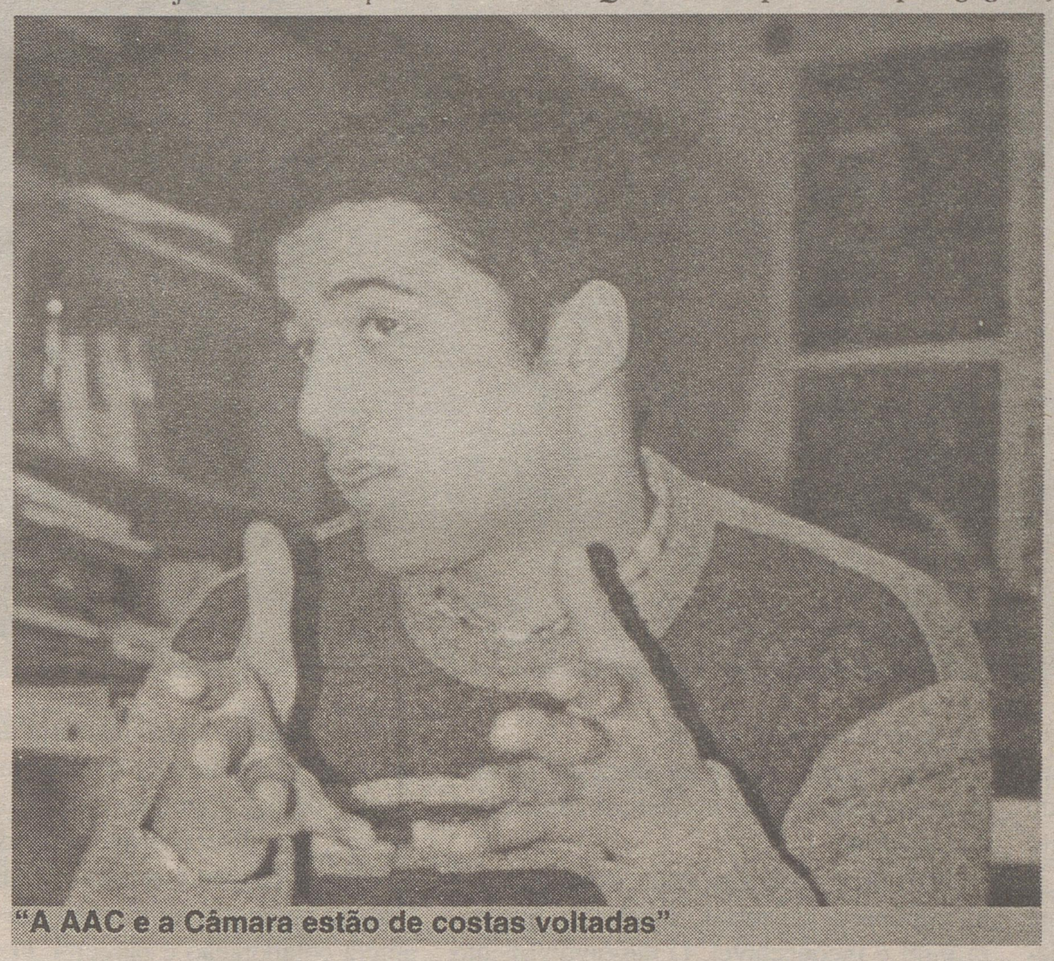
Se nós conseguíssemos formalizar e institucionalizar essa ideia seria claramente vantajoso. Conseguiriamos assim uma integração e um reconhecimento a nível da Universidade de que existem problemas e a própria Universidade criaria uma estrutura de trabalho com base na análise dos problemas denunciados pelos alunos. Mas só criar o Provedor não é suficiente, este tem de ser eficaz. Para já pode ser uma boa experiência a nível de DG pela necessidade de recolha de informação.

Não te choca que seja um professor a lidar com os problemasdos alunos, quando os alunos queixam–se maioritariamente dos professores?

Obviamente que eles se queixam é dos professores. Agora não é uma questão de me chocar, é uma questão de primeiro clarificar como é que vai funcionar. Se fôr com um professor, um aluno e um funcionário será um grande avanço. A DG está a promover internamente este trabalho, se a Universidade reconhecer a validade deste trabalho, é sinal que há necessidade de uma Provedoria e que há que a instutucionalizar. Mas caber–nos-á como estudantes fiscalizar essa provedoria, mesmo que seja feita por um professor.

Vão pegar no projecto do Livro Negro, iniciado no mandato passado?

Teremos que equacionar a sua representatividade, uma vez que estamos perante um conjunto de dados que foram recolhidos de uma forma aleatória, que não se conseguiu sistematizar. De qualquer forma nós encaramos o Livro Negro não só como uma compilação e uma denúncia, mas como um verdadeiro instrumento de trabalho. E se tivermos que o denunciar publicamente não teremos qualquer problema em o fazer.



"A AAC e a Câmara estão de costas voltadas"

Analisando um caso bastante recente, o célebre problema da Didáctica da Física, a Direcção Geral da Educação vai fazer uma inspecção a essa cadeira. Como é que a DG/AAC está a acompanhar esse processo?

Estamos a acompanhar esse problema de modo a que a intenção não caia em "saco roto". O que é importante é clarificar a situação de uma forma pública, não deixando a questão ser envolvida num processo administrativo ou burocrático que não tenha efeitos.

O teu antecessor envolveu–se publicamente, num programa televisivo, nesse problema. Estás disposto a fazer isso com outras cadeiras em que surjam problemas idênticos?

Um presidente de uma Direcção Geral é eleito para isso mesmo...

Quais são os problemas pedagógicos, fundamentais possíveis de resolver num espaço de dois ou três meses?

Um dos problemas fundamentais, embora não resolúvel nesse espaço de tempo, é a questão das instalações. Todavia, há todo um conjunto de problemas que às vezes não se resolvems mais por questões de metodologias e de formas de trabalho.

São várias vezes apontadas as limitações físicas do edifício da AAC. Fala–se na possibilidade de ser construído um novo edifício da AAC no Pólo II. Como é que está a questão?

O Sr. Reitor já me demonstrou todo o empenho em iniciar o projecto, porque neste momento encerrou–se um ciclo de construção no Pólo II, o da costrução dos edifícios de ensino, e agora há que iniciar a construção dos edifícios que lhes servirão de apoio, residências, a Unidade Pedagógica Central... Isto numa lógica de tornar a zona menos deserta e mais confortável para os que lá estudam. Há, por outro lado, dentro da DG uma equipa responsável por repensar os espaços que a AAC já possui.

Dá a impressão, de algum tempo para cá, que os estudantes em geral, além de apenas "passarem" pelas instalações, se aproximam cada vez menos da DG procurando conhecê–la e ao seu trabalho. Achas que a DG, enquanto instituição, anda de más relações com o estudante em geral?

Essa é uma situação preocupante e acho que tem alguma razão de ser. É um facto que se os interesses se alteram e as pessoas se começam a focalizar noutros objectivos a DG tem que reinventar precisamente isso. É também necessário que as pessoas sintam, nomeadamente no acto eleitoral, que ao votar estão a condicionar alguma coisa, algo que lhes diz respeito. A questão, pegando nos exemplos das Assembleias Magnas que cada vez estão mais vazias, não é tanto informativa mas mais formativa. Quando os estudantes se apreceberem que a DG está a trabalhar dentro das faculdades, que a DG, a mesma que diz que a Lei de Financiamento é má, que o Governo está a ter más atitudes, é a mesma que diz, no dia a dia, "se calhar tu foste injustiçado em relação a esta situação concreta dentro da faculdade", os próprios estudantes vão renovar a sua confiança na DG e reaproximar–se dela.

Em que medida é possível a DG alargar o seu compromisso com as secções?

Neste momento a questão passa também por as secções nos darem a entender o que precisam. Para tal achamos prementes os Conselhos Cultural e Desportivo para que a interligação com a DG seja mais fácil.

No anterior mandato houve a tentativa de pôr em funcionamento o Conselho Cultural, tentativa essa que foi frustrada. Hugo Capote afirmou que faltava muito pouco para pôr a ideia em prática, mas ao que parece as coisas ainda estão um bocado paradas. A tua DG vai terminar aquele trabalho? →

"A opção tomada não foi a melhor"

Apesar da diplomacia com que foi tratada a questão, não te afectou de uma forma especial o facto de a auditoria ter sido tornada pública no dia da tomada de posse da tua DG?

É claro, e fi–lo sentir ao Hugo Capote quando soube, à meia–noite da véspera, que no dia seguinte isso iria acontecer. E, na altura tive o cuidado, de alertar quais seriam as consequências de tal atitude. Lamentavelmente a opção, legítima, tomada não foi a que eu desejaria. Disso resultou, voluntária ou involuntariamente, um prejuízo directo para a nova equipa e as pessoas também se sentem disso. Eu passei o dia da tomada de posse praticamenete sem pensar nela, porque estava constantemente ao telefone a receber chamadas de pessoas indignadas, revoltadas ou que pura e simplesmente não sabiam o que se estava a passar.

De que modo é que este assuno afectou a imagem da AAC?

O que eu disse ao Capote quando falei com ele sobre isso foi que se estaria a prestar um péssimo serviço à imagem da AAC.

Qual foi a justificação que ele te deu para ter tornado a auditoria pública?

Ele disse–me: "foi um compromisso que nós assumimos e que queremos que surta algum efeito". Só que, no meu entender, um compromisso de uma auditoria é pôr em prática alguns dos pontos que ela defina. Se o Capote queria tomar uma atitude não era nesta altura que se fazia uma auditoria e depois será muito complicado pôr em prática seja o que for que a auditoria tenha definido. É óbvio que seria um óptimo instrumento de trabalho para as furturas DG's.

De qualquer forma a auditoria relatou uma dívida. Não ligando por agora aos valores, o que é vai mudar na gestão corrente da DG?

Nós, independentemente da auditoria, já tinhamos algumas medidas que queriamos pôr em prática, porque também já tinhamos um conhecimento da situação financeira da AAC, não estavamos à espera dos resultados da auditoria. Estamos, assim a estudar e a querer implementar medidas concretas para que essas situações sejam clarificadas e para que este clima de suspeição sobre a AAC desapareça.

Pôes em causa a credibilidade desta auditoria por ter sido feita por uma empresa que está por fora da AAC e não a conhece a fundo ou por ter sido feita pela DG anterior, em final de mandato, quando já não poderia aplicar nenhuma das suas sugestões?

O facto de ter sido feita por uma entidade externa não tem que ser mau, podem surgir coisas que nós a nível interno poderiamos nunca nos ter lembrado, todavia as sugestões por ela apresentadas valem o que valem, valem segundo a interpretação que lhe for dada.

Há quem diga que para a AAC funcionar sem problemas tem de ser gerida como uma empresa. Concordas com esta opinião?

Cada vez mais a AAC tem que ser gerida por métodos profissionais que se baseiem no rigor e na transparência. Mas não nos podemos esquecer do que é a AAC, de como foi criada, como tem sido mantida pelo empenho e dedicação dos milhares de pessoas que por cá passaram e a quem serve. É isto que tem de se preservar. A AAC não é uma empresa, pois estas nem sequer têm, muitas vezes, em conta muitos dos valores, nomeadamente sociais, que a AAC tem. Todavia a actividade da AAC é em larga escala financiada por entidades empresariais, o que não se pode descurar. São todas estas relações que uma auditoria deste género pode pôr em causa, afastando empresas que não se querem ver envolvidas em negócios que julgam não serem claros.

"Senti o trabalho facilitado quando formei a equipa"

"Amizade e trabalho misturam-se"

A DG não vai impôr o Conselho Cultural, este se quer ser específico e representativo das secções culturais tem que ser criado por elas. Neste momento está já a ser feito todo um trabalho de auscultar as secções e já foi marcada uma reunião com elas onde está agendado esse item. A DG vai ser um mediador entre as várias propostas que possam surgir para que o objectivo máximo seja a criação dum Conselho Cultural.

O que é que a DG vai fazer em termos de colaboração com a Câmara Municipal de Coimbra?

A AAC e a Câmara estão, neste momento, um pouco "de costas voltadas", o que para mim é inconcebível. O desenvolvimento da cidade tem sido em larga medida potenciado pelos estudantes, que segundo alguns dados estatísticos, movimentam anualmente cerca de 13 milhões de contos em Coimbra. Temos de dar a entender às entidades isso mesmo, sem dizermos que a cidade tem que se voltar toda para o estudante. Em relação à Câmara queremos ter uma atitude frontal de ampla colaboração e parceria. O mesmo se passando em relação às outras entidades dentro da cidade.

Com ou sem a recandidatura do Hugo Capote, a tua lista assumiu plenamente a candidatura desde o início. Como é que foi o processo de formação da tua lista e porquê essa convicção tão forte em avançar?

Eu só concebo a validade de um projecto quando não se mede pela conjuntura eleitoral mas se mede pelo interesse acrescido que esse mesmo projecto possa trazer. A minha lista não foi elaborada com base na amizade, não foi um grupo de amigos, mas sim um grupo de discussão. Costumo referir no seio da DG que nós, enquanto equipa "não precisamos de andar aqui todos aos abraços e aos beijinhos", temos é de ter relações de respeito e de trabalho, cada qual dentro das suas competências e responsabilidades. Isto porque, na minha perspectiva, relações de amizade e relações de trabalho acabam sempre por se misturar e, no fim, deterioram–se ambas.

Na hora em que ele anunciou que não se recandidatava, sentiste que tinhas o teu trabalho facilitado?

Isso aconteceu não no dia em que o Hugo decidiu não se recandidatar mas no dia em que a minha equipa se formou. A declaração dele acabou por baralhar um bocado as coisas, não necessariamente no melhor sentido.

A tua lista tornou–se displicente na campanha por não sentir a pressão de outra lista concorrente?

É complicado quando nós à partida andamos a fazer uma campanha e as pessoas dizem "não ligues a isso, isto está facilitado", é muito mais complicado motivar todas as pessoas. Da parte da lista houve empenho e dedicação, houve as "directas" que é necessário haver.

Não precisamos de andar aqui todos aos abraços e aos beijinhos

Ficaste surpreendido com a precentagem de votos que tiveste?

Fiquei surprendido com o número de pessoas que votaram e na percentagem que a minha lista obteve. No ano passado existiram muitas listas concorrentes e é complicado existir uma mobilização tão grande só com três listas, até porque a imagem que passou é que este ano seria uma campanha morna, sem ideias. De qualquer das formas é preocupante num universo de 22 mil votantes só haver cerca de 5 mil votos.

Quais foram as principais falhas do mandato do Hugo Capote e quais foram as suas maiores virtudes?

Houve uma coisa que acabou por condicionar todo o trabalho do Hugo ao longo do ano, que foi a sua equipa. Não quero dizer que a equipa fosse má, mas deu origem a uma série de problemas que o Hugo não conseguiu pacificar, o que se reflectiu na capacidade de trabalho da DG. E nos últimos tempos, em que acompanhei mais de perto o trabalho deles, apercebi–me que, de facto, não havia pessoas.

E tu, conheces bem a tua equipa?

Terei o cuidado de ter toda uma outra postura para evitar esse tipo de problemas. Mas cada pessoa que está a trabalhar comigo tem uma validade concreta, aliás foi esse o critério de selecção da minha equipa, e será respeitada pela sua validade.

Numa entrevista à Rádio Universidade de Coimbra, enquanto ainda eras candidato, admitiste a hipótese de membros das outras listas virem a trabalhar contigo caso vencesses. Já alguém te contactou nesse sentido?

Estou disposto a trabalhar com todas as pessoas que tenham boa vontade e que queiram trabalhar para a AAC. Estão a trabalhar com a actual DG pessoas da DG anterior, nomeadamente em áreas como as saídas profissionais e o Cartão de Sócio Extraordinário.

O super-coordenador é um intermediário?

É um intermediário que apenas se vai preocupar com a operacionalização daquelas áreas, não quer dizer que seja essa pessoa que vá efectivamente em cada uma das áreas dotá–las de funcionamento. O super–coordenador vai operacionalizar e concertá–las porque há funções específicas atribuidas a cada pelouro. E aqui entra uma polémica que nunca ningém pecebeu que é a parte da política educativa já que não há um pelouro para essa área, há um assumir do presidente por isso. É também nessa estrutura (dos super–coordenadores) que assenta a parte da política educativa, há um compromisso de cada uma das áreas para alargara a discussão e não concentrar num pelouro da política educativa.

Queima/AAC

O Hugo Capote deu como eventual explicação para o desaparecimento de dinheiros relacionados com a Queima das Fitas o facto de não ter sido contabilizado o IVA. Ficaste convencido?

A minha primeira impressão foi a de que se há uma empresa que faz este tipo de trabalho e que apresenta estes resultados há que ter confiança no seu profissionalismo. Mas houve um compromisso dessa empresa para com a AAC. Se houve erro esse compromisso terá de se fazer cumprir. Ainda hoje contactei o Hugo Capote no sentido de falarmos com a empresa para haver um esclarecimento de tudo isto. Depois de saber os resultados definitivos e de serem analisados internamente, e este foi o erro do Hugo, ter divulgado os resultados sem eles serem definitivos e sem serem analisados, aí sim divulgaremos as nossas intenções.

Devido a todos os problemas que têm surgido com a Queima das Fitas e devido também ao facto de a opinião pública em geral não saber como é que esta festa é organizada, pode–se esperar da DG uma maior separação em relação à Comissão Organizadora da Queima?

A queima é uma festa dos quartanistas, é natural que haja lugar na organização para os comissários, que são legitimamente eleitos pelos seus colegas. Mas urge clarificar a relação Queima–DG/AAC. Como a Queima não é uma entidade jurídica, toda a parte fiscal e jurídica da Queima envolve o nome da AAC. Por isso tem que haver um mecanismo de responsabilização das pessoas que organizam esta festa. Nesse sentido propusemos que as pessoas que organizam a Queima sejam reconhecidas formalmente pela DG/AAC sejam representantes legais da AAC. No início a proposta não foi compreendida, mas o que ficou da conversa foi que é neste sentido que tem que evoluir a relação entre a Queima e a DG/AAC.

Como é que te parece que os lucros provenientes da Queima devem ser distribuídos?

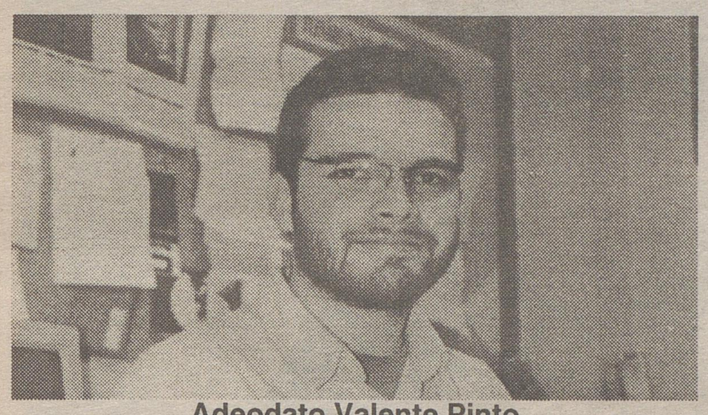
Eu quero que se garanta que esses lucros sejam investidos nos estudantes e não quero que transpareça que só três ou quatro, passo a expressão, é que têm acesso a eles. A Comissão Central é que tem que proceder a essa distribuição e a DG/AAC não tem legitimidade formal para interferir com isso. Mas o processo deve ser claro, mais uma vez para não denegrir a imagem da AAC.

Os Homens do presidente

O efectivo da DG recentemente eleito já tomou posse, sendo agora altura de "arregaçar as mangas" e de deitar mãos ao trabalho. No entanto, por detrás da figura sempre mediática do presidente, há uma vasta equipa gerida pelos respectivos "super–coordenadores" que, apesar de não serem tão badalados, têm a cargo um vasto leque de responsabilidades. Para além da coordenação dos vários pelouros, estes "super" asseguram a transmissão de informação entre os cerca de 50 elementos de uma equipa que zela pela associação de todos nós, numa estrutura organizativa tentada no mandato de Tó Silva e que agora resurge sob a batuta de Humberto Martins. Assim, "A Cabra" investigou e quis saber quem está por detrás do pano da DG...

Marcia Oliveira e Cristina Rodrigues

1) Qual é o filme da tua vida?
2) E o teu estilo musical?
3) Qual é o teu clube de eleição?
4) Tens preferências partidárias?
5) Já conheces o Humberto há muito tempo?
6) O que é que te levou a aceitar o desafio das eleições?
7) Qual é o teu objectivo prioritáro na DG?
8) Qual é a área que te parece mais carenciada na AAC?
9) Achas que a AAC ainda tem o brilho de outros tempos?
10) Como é que achas que vais ser daqui a uns anos?



Adeodato Valente Pinto
O "Homem" da Área Interna
Direito

1) Platoon

2) Variado. Mas o Jazz é aquele com o qual me identifico mais.

3) FCP

4) Neste momento o BE é aquele que se aproxima mais da minha maneira de pensar, apesar de haver algumas coisas com as quais não concordo.

5) Conheci-o há cerca de cinco meses.

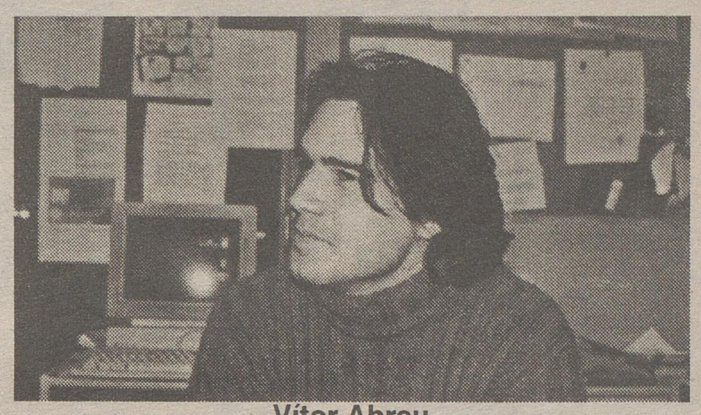
6) Não me queria ficar pelas críticas, sem fazer nada para mudar o que está mal e sem tomar as medidas que considero necessárias.

7) Acho que o contacto com os estudantes é essencial no sentido de os informar acerca dos seus direitos.

8) A pedagogia em termos da Universidade. Nós temos as piores condições do país e isso é algo que deve mudar.

9) Acho que o maior brilho da AAC é manter uma estrutura tão grande em funcionamento.

10) Já pensei demasiado naquilo que quero ser, desde pescador numa ilha tropical até Primeiro Ministro!



Vítor Abreu
O "Homem" da Cultura
Direito

1) "O Jogo"

2) Pitagórica, claro!

3) FCP

4) Nenhum. Gosto de ouvir e criticar, mas uma crítica sempre construtiva.

5) Quase há um ano.

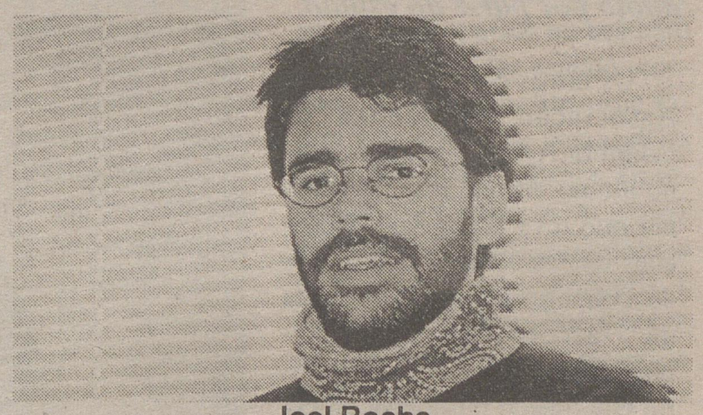
6) A própria pré–campanha, as actividades dentro da Associação e o facto de não haver uma estratégia pré–definida e muita liberdade de expressão.

7) A cultura, a concertação das secções culturais através do Conselho Cultural. Aproveitar tudo o que de melhor se desenvolve nesta Academia e divulgá–lo no exterior.

8) A política educativa carencia de uma maior atenção,de uma maior união estudantil para reivindicar de uma forma saudável os seus direitos.

9) O "brilho" continua mas o contexto é diferente. Agora há muitas universidades que também têm a sua importância. A AAC ainda tem muito peso.

10) A exercer advocacia.



Joel Rocha
O "Homem" do Desporto
Farmácia

1) "Pulp Fiction"

2) Não tenho muita tendência para aquelas batidas "techno"... Gosto mais de guitarras.

3) Académica

4) Não

5) Já. Desde o meu ano de caloiro (95).

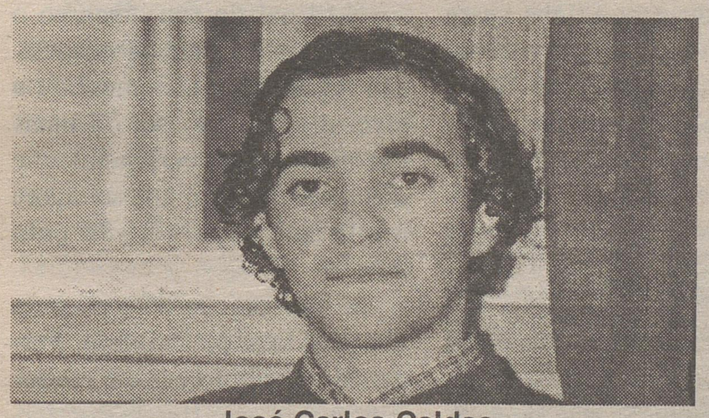
6) A amizade pessoal que me liga ao Humberto e o projecto em si.

7) O desporto e a reorganização das respectivas secções.

8) Há muitas coisas que têm de ser melhoradas, nomeadamente no apoio aos estudantes, aumentar as actividades exteriores, etc. É muito difícil nomear tudo aquilo que não está bem e que precisa de ser melhorado.

9) Tem o mesmo "brilho", mas digamos que actualmente os dias são mais nublados. No entanto continua, sem dúvida, a ter muito peso no movimento associativo.

10) Igual, mas com cabelos brancos!!! E a exercer Farmácia!



José Carlos Caldas
O "Homem" das saídas profissionais e das relações externas
Engenharia Electrotécnica

1) "Sleepers"

2) Tudo menos música pesada.

3) Académica e Benfica.

4) Não.

5) Já há dois anos e meio.

6) O facto de achar que podemos mudar alguma coisa. E também o Humberto que é uma pessoa em quem confio muito e que tem muitas capacidades.

7) Que a DG consiga chegar aos estudantes, e que este gabinete funcione como ponto de referência para as empresas recrutarem os recém–licenciados pela dinamização da base de dados que temos com os currículos.

8) Tem, mas acho importante credibilizar a Associação Académica.

9) Na política educativa tem de haver uma grande percepção das coisas - temos de credibilizar o nosso estatuto para depois podermos reivindicar.

10) Engenheiro.

Filipa Palma
A "Mulher" da Pedagogia
Engenharia Geológica

1) "Laranja Mecânica"

2) Clássica e metal

3) Académica e Sporting

4) Sou de esquerda mas não tenho partido. Não me consigo rever em nenhum partido

-5) Já há três anos. Desde que entrei para o núcleo.

6) O Humberto, sem dúvida! Depois esta equipa foi–se formando ao longo de alguns meses e começamos a perceber que não tinhamos legitimidade para fazer algumas críticas e decidimos fazer alguma coisa pela Academia.

7)Talvez perceber os motivos de tanto inssucesso escolar e também usar os núcleos como parte integrante da Associação e com eles aproximarmo–nos dos estudantes.

8) Não temos espaços nem material para as pessoas trabalharem.

9) Para mim tem! A AAC está no meu coração acima de todas as coisas!

10) Espero ser melhor do que sou hoje.

Hugo Alves
O "Homem" da Administração
Economia

1) Underground.

2) Pink Floyd.

3) FCP.

4) PS.

5) Há cerca de dois anos.

6) O desafio do projecto e o desafio da equipa.

7) Dar base e um sentido mais profissinal à AAC e à admnistração e gestão da casa para daqui a cem anos estar aqui alguém por nós.

8) A vertente das funções da AAC é muitas vezes esquecida, até pelas próprias secções. É importante que ninguém esqueça que estamos aqui para servir os estudantes e a Academia.

9) A AAC ainda tem a imagem e o estatuto que por vezes é mais prezado lá fora do que cá dentro. Mas cabe–nos a nós fazer alguma coisa por isso...

10) Independentemente de onde esteja Coimbra estará sempre comigo... Mas espero conseguir no futuro aqueles "chavões" que toda a gente espera alcançar...

Nova Direcção–geral toma posse

Transmissão de poder

Humberto Martins tomou posse criticando o actual estado da Universidade de Coimbra e fazendo exigências de melhor apoio por parte do estado.

Hugo Capote entregando o seu pin da AAC a Humberto Martins

Os novos corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra(AAC) tomaram posse no último dia 11, numa cerimónia que teve lugar nas instalações da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra(FCDEF). Humberto Martins foi empossado presidente da Direcção–geral da AAC e iniciou o seu mandato denunciando situações que, no seu entender, são insustentáveis para o funcionamento da Universidade.

Cerca de um mês e meio depois da sua eleição, a 23 de Novembro do passado ano, os corpos gerentes da AAC foram empossados num anfiteatro da FCDEF. A passagem de testemunho entre Hugo Capote, presidente cessante, e Humberto Martins, novo presidente da Direcção–geral da AAC, foi testemunhada pelo Reitor da Universidade de Coimbra(UC), Fernando Rebelo, e decorreu perante uma sala cheia onde foram também empossados Nuno Marques Pereira, presidente da Assembleia Magna e Torcato Paredes, presidente do Conselho Fiscal.

Humberto Martins, começou o seu primeiro discurso oficial pedindo desculpas aos presentes na cerimónia pelas "exíguas condições" em que a mesma decorreu. Segundo ele o evento não poderia deixar de se realizar na FCDEF para "demonstrar as claras contingências ao nível de espaço físico e a falta de condições desta faculdade para que exista um ensino de qualidade". Condições estas que "se repetiriam mesmo se a cerimónia decorresse noutra das faculdades da UC". Estes e outros problemas de ordem financeira demonstram, na sua opinião, que "existem graves condicionantes financeiras que afectam a universidade ano após ano, e que originarão situações de ruptura".

Para além desta intenção de reinvindicação de melhores apoios para a UC, Humberto Martins discorreu sobre a necessidade de desmascarar o conceito de estudante elegível que "é um artifício irreal e desarticulado para a tentativa de resolução dos problemas pedagógicos". Uma das soluções que preconizou para um melhor contacto com os estudantes foi a criação da Provedoria do Estudante, que será "porta–voz e garante da defesa dos estudantes".

Em relação à AAC e às suas secções Humberto Martins defendeu que fulcral deverá ser a criação do Conselho Cultural, a expansão para o Pólo II e a tentiva de conseguir uma melhor aproximação da DG/AAC aos estudantes nomeadamente através dos Núcleos implantados em cada faculdade. Em relação a estas pretensões afirmou: "espero que no final do meu mandato não seja obrigado a proferir as tão comuns palavras de lamento em realção à concretização destas legítimas expectativas."

O adeus de Capote

Começando a sua intervenção por fazer um balanço do seu mandato, Hugo Capote, disse que a sua Direcção–geral mexeu em todas as "quintinhas" da Associação Académica. Para ele a gestão da AAC foi "um delicado processo de gestão de espaços e de relações pessoais" uma vez que "foram impostas regras que não existiam e cuja ausência fez com que a AAC tivesse passado grandes dificuldades em tempos". A certa altura Capote disse que tinha voltado a ler o discurso da sua tomada de posse e sublinhou: "pensei que me ia rir mais do que me ri, não estava assim tão mau".

Em seguida, ao analisar o seu trabalho e referindo–se a uma das suas acções mais mediáticas, disse que tinha nesse mesmo dia acabado de receber uma carta da Inspecção–Geral da Educação que dizia que "a pretensão dos estudantes do 4º ano da Licenciatura de Engenharia Química, do ramo educacional veiculada pela DG/AAC reveste–se de alguma pertinência e legitimidade" o que implica que "irão proceder a uma inspecção no Departamento de Física a propósito da famigerada história da didáctica da Física", por fim acrescentou que "este é um exemplo da actividade que a DG/AAC teve".

No final do seu discurso o agora ex–presidente da Associação Académica testemenhou a nível pessoal que esta foi umas das melhores experiências que alguma vez teve e que sai agora muito mais apaixonado pela AAC.

A intervenção do Reitor da Universidade de Coimbra, Fernando Rebelo, focou, em consonância com a de Humberto Martins, os problemas orçamentais da UC(ver caixa), pois segundo ele"não se pode fazer muita coisa numa universidade que tem problemas orçamentais como a nossa". Referindo ainda que muitas das coisas que são feitas resultam essencialmente da boa vontade.

No intuito de tentar resolver estes problemas o reitor afirmou que será necessária muita inovação e que será também importante neste sentido uma ajuda da AAC para "uns por um lado, outros por outro, exigir, de uma forma educada para não espantar a "caça", os dinheiros que nos faltam".

Bruno Ferreira
Manuel Eduardo
Guilherme Oliveira

Orçamento curto

O Reitor da Universidade de Coimbra denunciou, na cerimónia de tomada de posse da nova Direcção–geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), que o orçamento da Universidade está "muito, muito abaixo daquilo que esperava".

Fernando Rebelo, ao aflorar os problemas orçamentais da Universidade de Coimbra (UC) no seu discurso, foi claro ao afirmar que "o orçamento não é grande coisa, não podendo portanto faltar inovação para resolver os problemas que vão surgindo". Afirmando em seguida que se houvesse mais dinheiro, mais a Universidade gastaria uma vez que tem prontos variados projectos de expansão, nomeadamente a construção de novas instalações para a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da UC.

Para o Reitor a única forma de resolver este subfinanciamento será através do contrato de Qualidade, isto apesar de reconhecer que o contrato tem uma outra função mas que sem ele a UC "não poderá viver como em 1999, a situação vai ser mais complicada".

Este Contrato–programa é um instrumento que tem como finalidade a melhoria da qualidade de ensino como o prevê o artigo 9º/1 alínea a) da Lei de Bases de Financiamento do Ensino Superior (Lei 113/97). A sua celebração está prevista para meados deste ano e tem como base as informações recolhidas pelos conselhos directivos das diversas faculdades da UC em relação aos problemas sentidos por cada uma delas. Com a conclusão deste contrato as faculdades receberiam assim montantes extra–orçamento que lhes permitissem melhorar a qualidade de ensino colmatando os problemas que as assolam. Porém parece evidente, de acordo com as declarações de Fernando Rebelo, que estas verbas terão de ser utilizadas no funcionamento regular da Universidade de Coimbra.

Segundo um senador da universidade o orçamento da UC não estará mesmo a ser respeitado o factor de convergência para o orçamento padrão que lhe deveria ser atribuído pelo Ministério da Educação. Este orçamento "ideal" foi fixado ao tempo da entrada em vigor da Lei de Financiamento como o montante que a Universidade deveria receber do Orçamento de Estado tendo em conta o número de cursos e de estudantes (artigo 4º/1, alínea c).

BF

Alunos de Estudos Feministas exigem uma solução imediata

Quatro meses sem professora

"Quando li o nome da cadeira, escolhi-a sem hesitar. Este tipo de disciplinas não existem no meu país e achei uma boa oportunidade para experimentá–las". Casos como o de Gustavo G. Rodríguez, estudante Erasmus de 4º de História, têm–se vindo a repetir desde a criação, em Outubro do 94, de uma cadeira pioneira em Portugal: Introdução aos Estudos Feministas.

Desde então, quase uma centena de estudantes portugueses e estrangeiros (uma média de vinte por ano) têm passado pelas mãos de Graça Abranches, licenciada em Filologia, Presidente da Associação Europeia de Estudos Feministas e, segundo todos os seus ex–alunos, "autêntico símbolo desta disciplina". Durante nove meses de aulas, os alunos aproximavam–se às principais figuras da luta pela igualdade da mulher (desde Rosa Luxemburgo até Simonne de Beauvoir) através da análise dos seus próprios textos. A formação não se limitava, porém, à rotina académica. A forte personalidade da professora levava os alunos a estabelecer com ela uma relação tão intensa que antigas estudantes como Maria Sofia Pinto continuam a falar com ela com assiduidade um ano depois.

Numa destas conversas, Maria Sofia, junto com outros antigos alunos, inteirou–se duma situação que punha em perigo a continuidade da cadeira: por causa de ser professora de ensino secundário, Graça Abranches tinha dependido até então de contratos anuais com a Reitoria. Esta, por problemas de orçamento, decideu, no verão passado, não renovar o seu contrato delegando responsibilidades na Faculdade de Letras. "Procedemos então a uma campanha de pressão sobre as instituições que passou pela recolha de assinaturas e envio de cartas aos jornais" afirma Maria Sofia. "Acho que foi por causa disto -continua- que decidiram renegociar o seu contrato".

A Faculdade de Letras, protagonista desta renegociação, nega através do seu Conselho Directivo a existência de qualquer tipo de pressão. Segundo o seu Vice–Presidente, António Manuel Martins, "sempre tem existido vontade da Dra. Abranches permanecer na nossa Faculdade. É por isso que desde que tivemos conhecimento da situação no mês de Agosto, tentámos arranjar uma solução através da fórmula do destacamento". Por causa da sua condição de professora de ensino secundário, Graça Abranches pertence à Escola José Falcão. O destacamento permite que este tipo de professores desempenhem as suas funções noutros organismos (neste caso a Faculdade de Letras), sendo o Ministério de Educação a instituição encarregada de autorizá–los e de definir a sua duração. "O acordo com a professora -continua António Martins- demorou bastante tempo, mas em Dezembro já o tínhamos atingido". No entanto, quando só restava a autorização para Graça Abranches começar a dar aulas aos seus novos alunos surgiu a surpresa: o Ministério, numa decisão sem precedentes, "só o autorizou até o 31 de Dezembro".

Perante o absurdo que constituia uma professora dar aulas durante um único mês que decorre, na sua maioria, em férias de Natal, o Conselho Directivo tentou arranjar "uma outra solução que passava pelo contrato por acumulação, ou seja, a professora desempenharia duas tarefas, uma no José Falcão e outra na nossa Faculdade". "Porém, -continua António Martins- a Doutora Abranches negou–se a aceitar esta fórmula, o que provocou que, com muita pena nossa, tivéssemos de prescindir dela". Nesse momento, os componentes da sua suposta turma partiam para os seus lares depois de três longos meses de férias na sua cadeira favorita.

Os alunos, os mais afectados

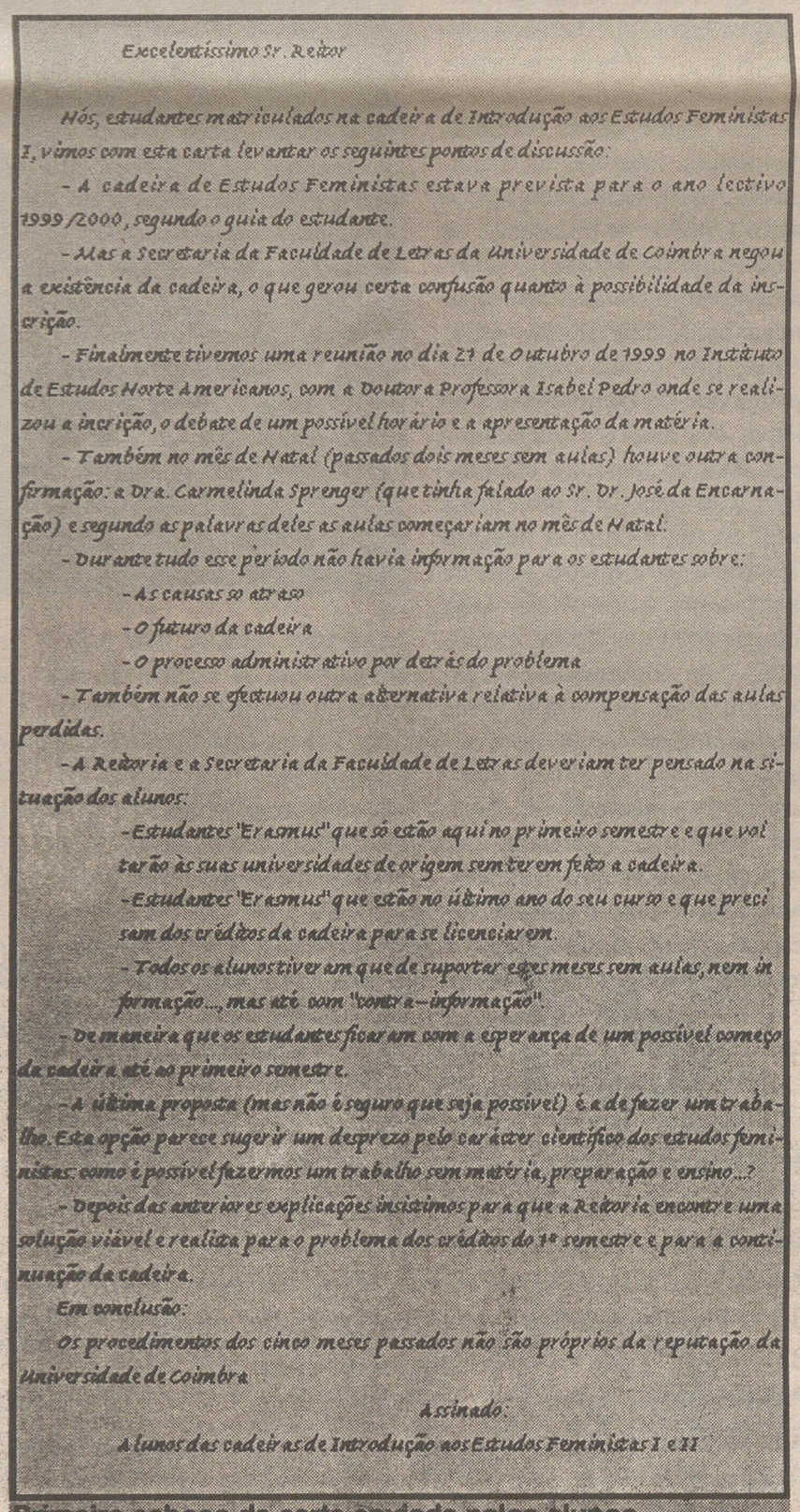
Em finais do mês de Outubro, vinte estudantes iludidos reuniram–se com Isabel Pedro, uma outra responsável da cadeira, para encontrarem um horário consensuado. Sairam com as aulas marcadas e a promessa de serem contactados para o seu início uma vez superados certos problemas organizativos. O telefone leva já quatro meses sem soar e Gustavo começa a perder a paciência: "Acho que na minha Universidade [Santiago de Compostela, na Galiza] os protestos teriam sido maiores. Devemos organizar–nos para encontrar uma solução conjunta e imediata, porque quando perguntamos quando será o início das aulas não fazem outra coisa que o adiar indefinidamente". Além do aborrecimento, diz sentir–se, antes de mais, "ultrajado, pois a cadeira me tinha criado bastantes expectativas. Práticas como esta podem constituir um desprestígio para a Universidade de Coimbra".

O desejo de organização dos estudantes materializou–se no passado dia 24, quando os alunos da nova turma se reuniram para escreverem uma carta de protesto dirigida à Reitoria e aos Conselhos Pedagógico, Científico e Directivo da FLUC. Nela procuram "fazer constar o nosso desacordo através dum documento conjunto e consensual, que represente uma queixa séria". Contam, aliás, com o apoio dos antigos alunos que, segundo Ana Sofia, tentaram convencê–los "da necessidade de que a cadeira seja leccionada por Graça Abranches".

O Conselho Directivo pode, no entanto, ter tomado a dianteira anunciando uma solução que, embora não satisfaça todas as reivindicações dos alunos, solucio-na o problema da falta de aulas. Quatro professores pertencentes ao mesmo departamento que Graça Abranches leccionarão uma cadeira semestral dividida em módulos que tentará constituir uma síntese da antiga disciplina. António Martins quis aclarar que "se trata de uma solução conjuntural, só destinada a superar os problemas deste ano. Para o próximo, deveremos reflectir a situação para encontrarmos a saída mais apropriada". Nesse sentido, só a volta de Graça Abranches parece ser capaz de solucionar o confronto em todas as suas dimensões. Apesar de reconhecerem que constitui a única solução possível, antigos e novos alunos não deixam de lamentar a ausência da professora "que melhor podia leccionar a matéria".

A nova disciplina, aliás, não resolve todos os problemas, alguns dos quais derivam do passado ano académico. Assim, os alunos da turma anterior que não fizeram a cadeira em Junho têm agora enormes dificuldades para serem avaliados, pois sempre segundo António Martins "a Doutora Abranches recusou avaliá–los, apesar da avaliação lhe ter sido oficialmente solicitada pela Faculdade de Letras". Também não poderão ser avaliados os alunos Erasmus que se vão embora para os seus países no segundo semestre: "Não faz sentido -continua António Martins- que façam a avaliação de uma cadeira que não existiu". Resta, finalmente, confirmarem os nomes dos docentes, a sua equivalência em horas lectivas e, sobretudo, a data de início das aulas. Embora o Conselho Directivo garanta o primeiro dia do segundo semestre, os alunos já conhecem a jogada. Lembra–se Gustavo de quando iam solicitar informação e sempre lhes diziam que "as aulas começariam no mês seguinte". Agora a proposta parece mais séria, mas ainda assim "teremos de esperar e ver o que acontece na prática".

Miguel García–Sancho



Excelentíssimo Sr. Reitor

Nós, estudantes matriculados na cadeira de Introdução aos Estudos Feministas I, vimos com esta carta levantar os seguintes pontos de discussão:

- A cadeira de Estudos Feministas estava prevista para o ano lectivo 1999/2000, segundo o guia do estudante.

- Mas a Secretaria da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra negou a existência da cadeira, o que gerou certa confusão quanto à possibilidade da inscrição.

- Finalmente tivemos uma reunião no dia 27 de Outubro de 1999 no Instituto de Estudos Norte Americanos, com a Doutora Professora Isabel Pedro onde se realizou a incrição, o debate de um possível horário e a apresentação da matéria.

- Também no mês de Natal (passados dois meses sem aulas) houve outra confirmação: a Dra. Carmelinda Sprenger (que tinha falado ao Sr. Dr. José da Encarnação) e segundo as palavras deles as aulas começariam no mês de Natal.

- Durante tudo esse período não havia informação para os estudantes sobre:

  - As causas so atraso
  - O futuro da cadeira
  - O processo administrativo por detrás do problema

- Também não se efectuou outra alternativa relativa à compensação das aulas perdidas.

- A Reitoria e a Secretaria da Faculdade de Letras deveriam ter pensado na situação dos alunos:

  - Estudantes "Erasmus" que só estão aqui no primeiro semestre e que voltarão às suas universidades de origem sem terem feito a cadeira.
  - Estudantes "Erasmus" que estão no último ano do seu curso e que precisam dos créditos da cadeira para se licenciarem.
  - Todos os alunos tiveram que de suportar estes meses sem aulas, nem informação..., mas até com "contra–informação".

- De maneira que os estudantes ficaram com a esperança de um possível começo da cadeira até ao primeiro semestre.

- A última proposta (mas não é seguro que seja possível) é a de fazer um trabalho. Esta opção parece sugerir um desprezo pelo carácter científico dos estudos feministas: como é possível fazermos um trabalho sem matéria, preparação e ensino...?

- Depois das anteriores explicações insistimos para que a Reitoria encontre uma solução viável e realiza para o problema dos créditos do 1º semestre e para a continuação da cadeira.

Em conclusão:

Os procedimentos dos cinco meses passados não são próprios da reputação da Universidade de Coimbra

Assinado:

Alunos das cadeiras de Introdução aos Estudos Feministas I e II

Primeiro esboço da carta enviada pelos alunos

Departamento de Engenharia Informática

A conquista do espaço

Após cinco anos de existência, o balanço da actividade desenvolvida pelo Departamento de Engenharia Informática é consideravelmente positivo.

O DEI- Departamento de Engenharia Informática-,desde a sua constituição em Janeiro de 1995, tem à sua responsabilidade a Licenciatura, o Mestrado e o Doutoramento em Engenharia Informática. A actividade pedagógica do Departamento liga–se de forma harmoniosa à actividade cientifica que decorre no seio do CISUC (Centro de Informática e Sistemas da Universidade de Coimbra), a unidade de I&D (Investigação e Desenvolvimento) do Departamento.

A investigação e a prestação de serviços à comunidade realizada pelo DEI, constitui um dos pilares da qualidade dos cursos ministrados pelo Departamento.

Apesar da sua prematura existência, o DEI tem assistido ao notável crescimento dos seus equipamentos, dos seus recursos humanos e também em termos de importantes projectos em parceria com diversas empresas nacionais e internacionais. Segundo André Dias, membro do NEEI (Núcleo de Estudantes de Engenharia Informática), "o Departamento melhorou principalmente em termos de infra–estruturas, tais como uma maior quantidade de computadores ao dispor dos alunos". Inicialmente, o total de aparelhos informáticos restringia–se a uma única sala. Actualmente, o número elevou–se para quatro salas de aula, abertas todos os dias úteis entre as 9h00 e as 20h00 e equipadas com computadores ligados em rede, ainda que estes "não sejam suficientes se tivermos em conta que alunos externos ao Departamento se divertem com jogos, enquanto que os alunos do próprio Departamento necessitam realmente deles para realizar trabalhos ou pesquisar qualquer matéria". Para evitar este tipo de situações tem–se tentado impedir o acesso de alunos de outras proveniências por Software de modo a que apenas os alunos devidamente identificados da Licenciatura de Engenharia Informática e os que frequentam disciplinas leccionadas no DEI possam utilizar o equipamento disponível. Ainda no ambito do mesmo problema, o Conselho de Departamento prevê para meados dete mês o alargamento do horário de consulta de computadores para as 24h. Tal medida não foi ainda possível pois "isso envolve dinheiro e outras coisas complicadas" refere João Gabriel Silva, acrescentando que "nos últimos 4/5 anos, entre 1/3 e metade do orçamento total do Departamento tem sido gasto em computadores em quantidades significativas". Apesar disso, a principal queixa dos alunos reside precisamente no número insuficiente de computadores e, mais especificamente, na falta de espaço das suas instalações.

O acesso à Internet e quem a consulta sai, como é de prever, beneficiado com o alargamento das infraestruturas, ainda que, na opinião de André Dias, "os alunos possam sempre recorrer aos manuais e fotocópias".

Com o objectivo de manter a elevada taxa de sucesso escolar que se tem verificado, o Conselho de Departamento fez circular por duas vezes desde a sua constituição, um relatório on–line a todos os alunos, questionando–os sobre o que consideravam estar correcto e as carências do Departamento. Estes inquéritos pedagógicos de auto–avaliação do próprio departamento são posteriormente analisados nas jornadas pedagógicas e dados a conhecer publicamente aos alunos, o que é algo novo e com bastante impacto já que alunos e professores podem encontrar pontos de contacto e de divergência e, daí, chegar a consensos. Segundo João Gabriel Silva "o DEI orgulha–se de ser o Departamento onde o diálogo entre professores e alunos é mais franco e aberto, funcionando como um dos cartões de visita.

À semelhança com outros organismos da FCTUC, o DEI é gerido pelo Conselho de Departamento, pela Comissão Executiva que funciona paralelamente à Comissão Pedagógica e, finalmente, pela Comissão Científica, órgãos que asseguram na íntegra a gestão do Departamento, nas suas vertentes material, científica e pedagógica. O DEI é, de facto, um departamento que lidera em Portugal na área da Engenharia Informática, quer no ensino, quer na investigação, quer em projectos com a indústria. Durante aproximadamente 10 anos, o mesmo foi desenvolvendo um projecto de investigação nas pessoas do professor João Gabriel Silva e do professor Henrique Madeira e acompanhado nos últiumos 2 anos pela empresa Critical Software, responsável pelo desenvolvimento de tecnologias para sistemas de informação críticos.

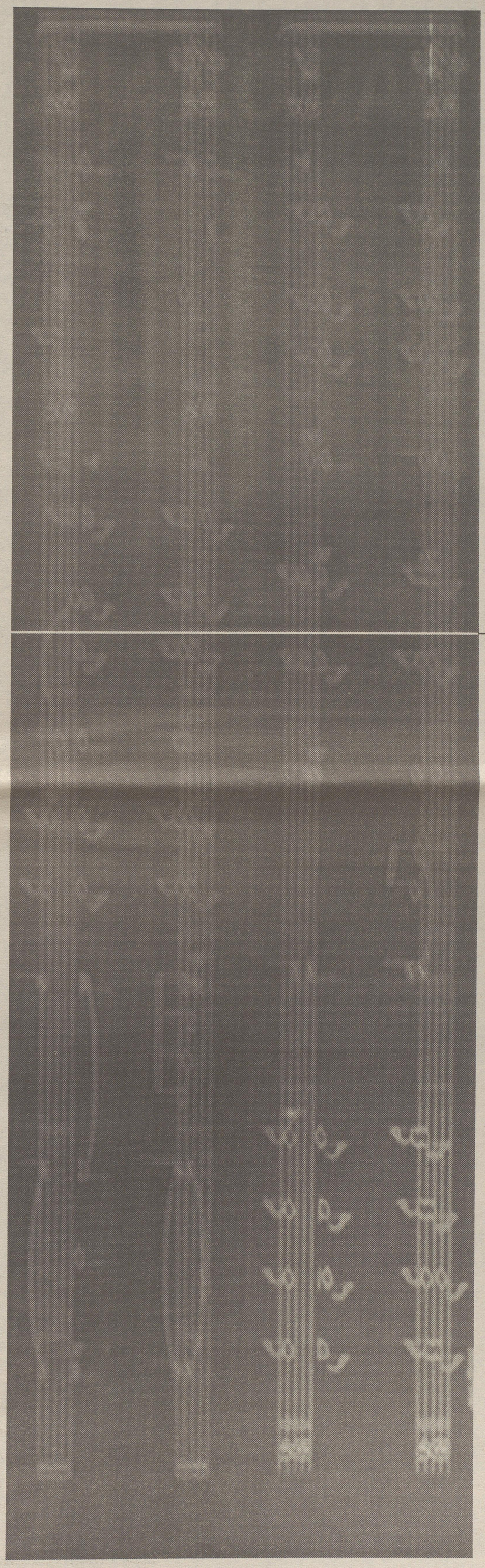
A parceria entre o DEI e a empresa de software deu origem ao "Xception", um projecto destinado a testar até que ponto é que a tecnologia de supercomputação será capaz de sobreviver aos raios cósmicos que, no espaço, influenciarão o seu comportamento. O "Xception" tem também como objectivo conferir maior robustez e fiabilidade aos satélites através da injecção de falhas no sistema de computação.

Há cerca de um mês, este projecto de investigação de ponta foi reconhecido internacionalmente aquando da sua aquisição pela NASA que o integrou num outro projecto de maior amplitude: o REE(Remote Exploration and Experimentation), que tem por missão levar a tecnologia de supercomputação para o espaço. Este acontecimento projectou o DEI para novos horizontes e cedeu–lhe a garantia de futuros projectos de significante importância. O DEI demonstrou claramente que, em 5 anos de existência, desenvolveu competências e conhecimentos científicos capazes de responder às necessidades da sociedade cada vez mais informatizada e de competir com grandes empresas de craveira internacional.

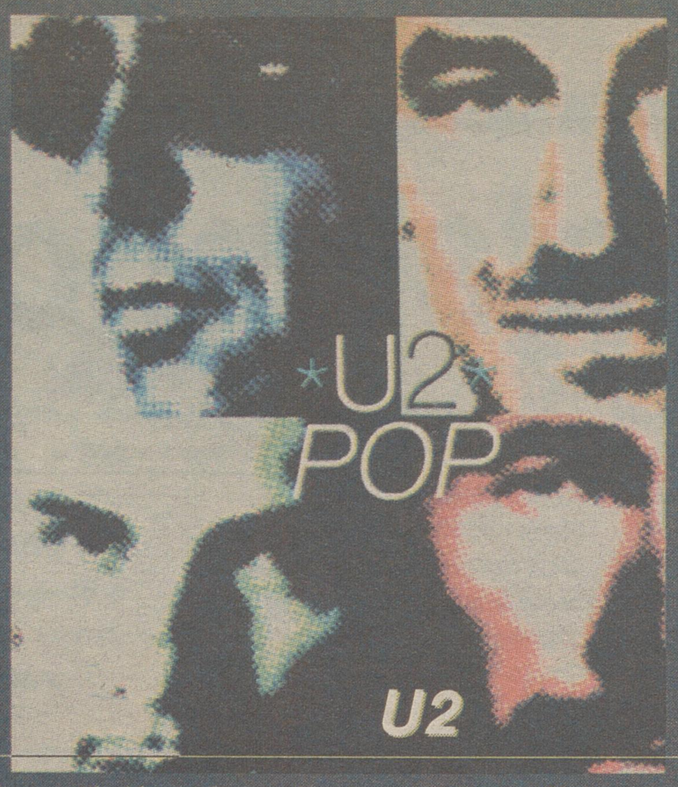
Hugo Afonso
Liliana Saraiva
Elisabete Magalhães

Ficha Técnica

Director: Bruno Ferreira **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Paginação:** Bruno Vale, Nuno Curado, Rui Justiniano **Chefe de Redacção:** Sérgio Alves **Secretária de Redacção:** Ana Laura **Redacção:** Ana Pais, Andreia Gouveia, Bruno Vale, Cecília Santos, Cristina Rodrigues, Daniel Marinho Pires, David Pereira Bastos, Filipe Vicente, Guilherme Oliveira, Helder Silva Dantas, Hugo Ferreira, João Vaz, José Carlos Santos, Leonor Tato, Márcia Oliveira. Pedro Correia, Ricardo S. Salgado, Rui Silva, Sérgio Alves, Sónia Martins, Susana Almeida, Susana Martins, Tiago Marques **Delegação de Lyon:** Eduardo Brito **Colaboradores:** Ana Drago, André de Brito Correia, Rosário Salvado, Tiago Maranhão, Cátia Cabrita, Geraldo Barros, Miguel García-Sancho, Nuno Dias, Rui Correia **Fotografia:** Renata Pimenta, Nuno Curado, Rui Simões **Publicidade:** Bruno Vale contacto - 966337197 / 239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.



as bandas da década



Apesar de já ter alcançado os tops nos anos 80, este quinteto de Dublin ficará para sempre ligado à história musical dos anos 90, porque foi nesta década que desenvolveu as megalómanas digressões "Zoo TV" e "Pop Mart", e foi também nesta década que acompanhou os novos momentos musicais, libertando–se do som típico que o caracterizava, enfim, porque foi nesta década que se assumiu como superestrela e uma das maiores bandas europeias de sempre.

Björk chegou do frio com uma voz muito quente que a transformou numa autêntica "sex symbol" do meio artístico e a conotou como uma das melhores vozes de sempre.
Soube–se rodear de alguns bons músicos e produtores que transformaram as suas ideias e sonhos em músicas que marcam a sonoridade dos anos 90.

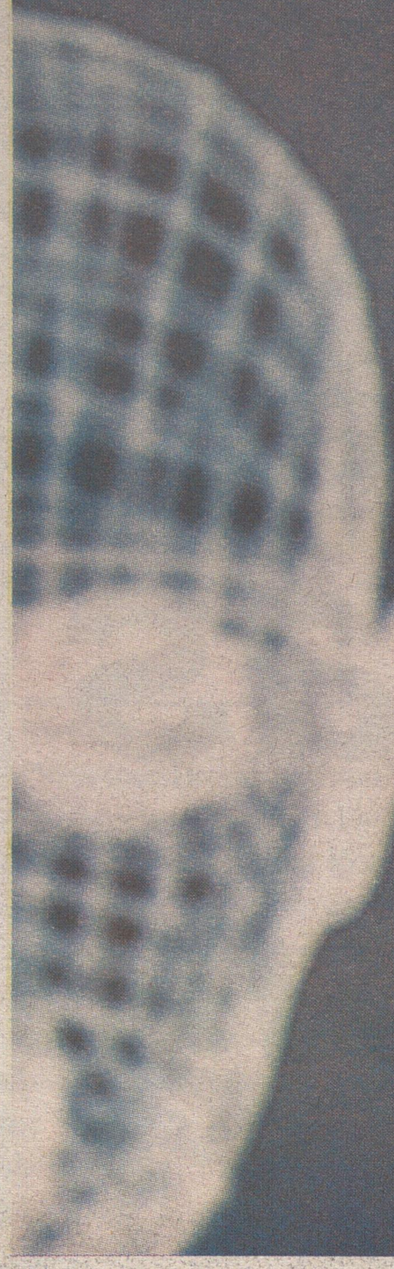
Do folk ao hip–hop, o funk foi a ligação primordial e o ritmo quis–se compassado.

Beck simboliza a nova música e construiu uma imagem de self–made–man, reflexo de uma geração que não tem que ser americana, mas é decisivamente muito musical.

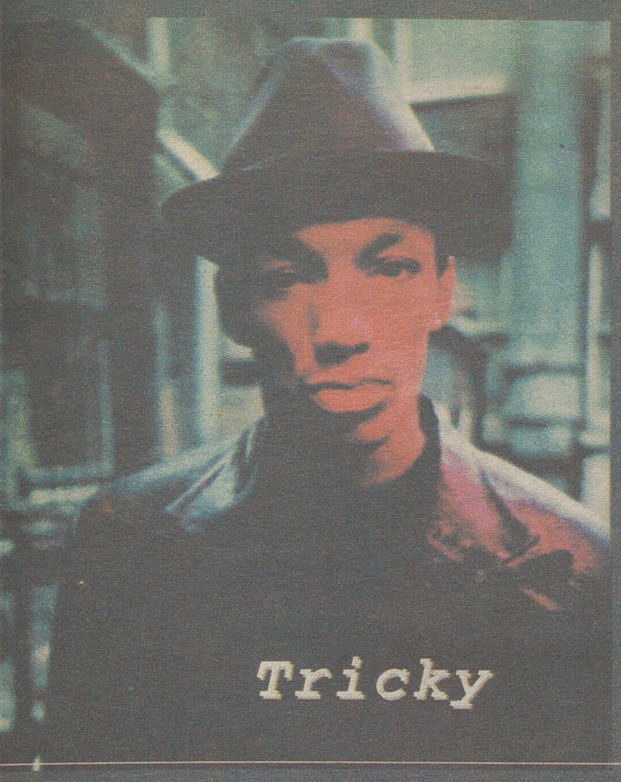
"Mellow Gold", "One Foot in the Grave", "Odelay", "Mutations" e "Midnite Vultures" são apenas algumas obras primas da década.

Beck é o músico, o cantor, o herói...perdão o Cowboy.

Juntam o rap e o rock pesado no mesmo saco, nascem do punk e acabam no hip hop, narram uma gravação e criam universos à partida inconciliáveis.
Do "Licence to Ill " a "Hello Nasty" quem não se lembra de "Fight For Your Rights" e "Intergalactic"?



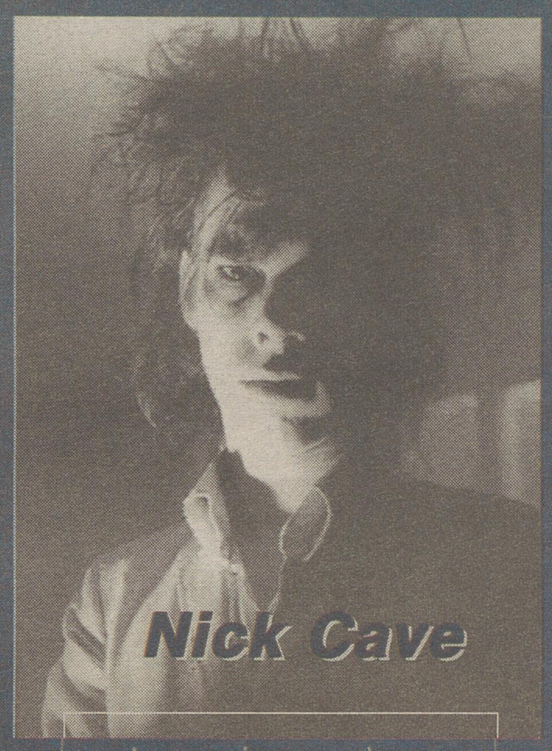
a s b a n d a



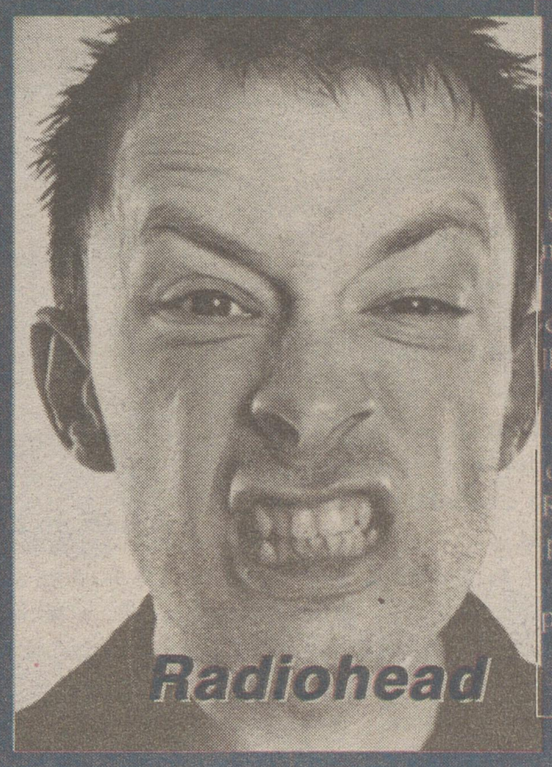
Tricky

neçou a semear o seu dom nos Massive Attack, mas ce-
eredou por uma carreira a solo onde fundiu rock com
. gospel com hip–hop e criou um caminho que influen-
uitos outros que mas só ele conseguiu continuar a tra-
génio de "Maxinquaye" ao mago magno do "Angels
Dirty Faces", Tricky foi igual a ele próprio em "Pre
illenium Tension" e no mais recente "Juxtapose".

"Poison" acendeu o rastilho que fez explodir "Fire Starter" ou "Breathe", os Prodigy prometiam música para uma nova geração e alcançavam os tops, contribuindo decisivamente para o endurecimento da música de dança a partir do volk pesado e de uma pose tão excêntrica quanto possível.

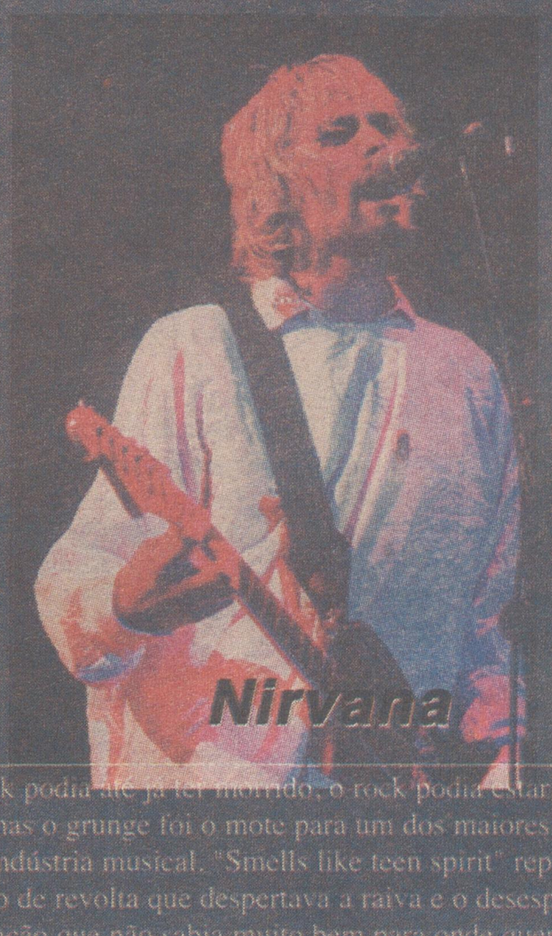


Acompanhou o punk com os Birthday Party e abraçou o blues e o gótico com os Bad Seeds. Nick Cave entra nesta década como pequeno fenómeno de culto e acaba os anos 90 com o estatuto de "senhor da música alternativa". "Henry´s Dream", "Let Love In", "Murder Ballads" e "The Boatmans Call" provaram que os mitos não se abatem, só crescem e amadurecem.



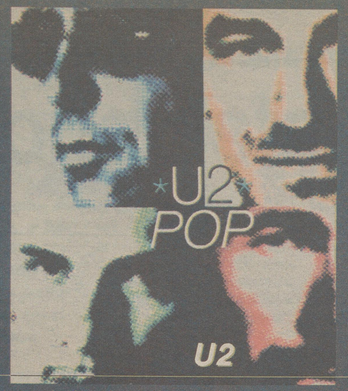
Despertavam ao som de "Creep" e foram dando passos certeiros para edificar um dos maiores momentos sonoros da década, o trabalho "Ok Computer".
O rock agradeceu e o nome Radiohead ficou para sempre associado a uma pose tão alternativa como explosiva.

O glam foi nos anos 70 e a britt pop está a desaparecer? Brett Andersson e companhia provam que não e associam músicas bem elaboradas a letras do quotidiano, revitalizando um campo musical que depois deu os seus frutos com sucessos como Blur, Oasis, The Verve. "Suede", "Dog Man Star", "Coming Up" e "Head Music" marcam quatro etapas de criação de um som que só podia vir dos Suede.

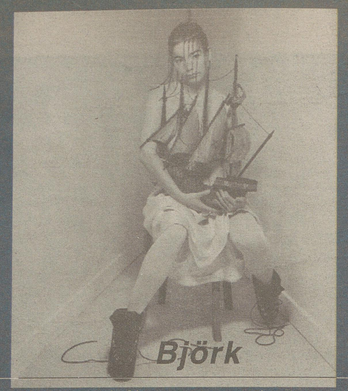


O punk podia até já ter morrido, o rock podia estar a descer de nível mas o grunge foi o mote para um dos maiores fenómenos da indústria musical. "Smells like teen spirit" representa um grito de revolta que despertava a raiva e o desespero de uma geração que não sabia muito bem para onde queria ir.Os Nirvana podem não ter sido a melhor banda grunge, mas foi concerteza a que melhor soube aproveitar o fenómeno que ficou associado associado à figura do seu vocalista/guitarrista Kurt Cobain.

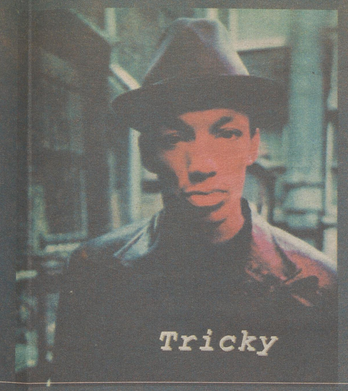
s d a d é c a d a



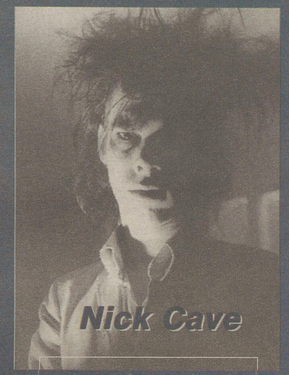
Apesar de já ter alcançado os tops nos anos 80, este quinteto de Dublin ficará para sempre ligado à história musical dos anos 90, porque foi nesta década que desenvolveu as megalómanas digressões "Zoo TV" e "Pop Mart", e foi também nesta década que acompanhou os novos momentos musicais, libertando-se do som típico que o caracterizava, enfim, porque foi nesta década que se assumiu como superestrela e uma das maiores bandas europeias de sempre.



Björk chegou do frio com uma voz muito quente que a transformou numa autêntica "sex symbol" do meio artístico e a conotou como uma das melhores vozes de sempre.
Soube-se rodear de alguns bons músicos e produtores que transformaram as suas ideias e sonhos em músicas que marcam a sonoridade dos anos 90.



Começou a semear o seu dom nos Massive Attack, mas cedo enveredou por uma carreira a solo onde fundiu rock com trip-hop, gospel com hip-hop e criou um caminho que influenciou muitos outros que mas só ele conseguiu continuar a traçar.Do génio de "Maxinquaye" ao mago magno do "Angels With Dirty Faces", Tricky foi igual a ele próprio em "Pre Millenium Tension" e no mais recente "Juxtapose".



Acompanhou o punk com os Birthday Party e abraçou o blues e o gótico com os Bad Seeds. Nick Cave entra nesta década como pequeno fenómeno de culto e acaba os anos 90 com o estatuto de "senhor da música alternativa".
"Henry's Dream", "Let Love In", "Murder Ballads" e "The Boatmans Call" provaram que os mitos não se abatem, só crescem e amadurecem.

Despertavam ao som de Creep" e foram dando passos certeiros para edificar um dos maiores momentos sonoros da década, o trabalho "Ok Computer".
O rock agradeceu e o nome Radiohead ficou para sempre associado a uma pose tão alternativa como explosiva.

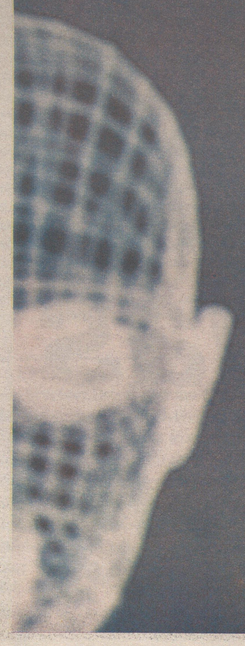
Do folk ao hip-hop, o funk foi a ligação primordial e o ritmo quis-se compassado.
Beck simboliza a nova música e construiu uma imagem de self-made-man, reflexo de uma geração que não tem que ser americana, mas é decisivamente muito musical.
"Mellow Gold", "One Foot in the Grave", "Odelay", "Mutations" e "Midnite Vultures" são apenas algumas obras primas da década.
Beck é o músico, o cantor, o herói...perdão o Cowboy.

"Poison" acendeu o rastilho que fez explodir "Fire Starter" ou "Breathe", os Prodigy prometiam música para uma nova geração e alcançavam os tops, contribuindo decisivamente para o endurecimento da música de dança a partir do folk pesado e de uma pose tão excêntrica quanto possível.

Juntam o rap e o rock pesado no mesmo saco, nascem do punk e acabam no hip hop, narram uma gravação e criam universos à partida inconciliáveis.
Do "Licence to Ill " a "Hello Nasty" quem não se lembra de "Fight For Your Rights" e "Intergalactic"?

O glam foi nos anos 70 e a britt pop está a desaparecer? Brett Andersson e companhia provam que não e associam músicas bem elaboradas a letras do quotidiano, revitalizando um campo musical que depois deu os seus frutos com sucessos como Blur, Oasis, The Verve, "Suede", "Dog Man Star", "Coming Up" e "Head Music" marcam quatro etapas de criação de um som que só podia vir dos Suede.

O punk podia ate já ter morrido, o rock podia estar a descer de nível mas o grunge foi o mote para um dos maiores fenómenos da indústria musical. "Smells like teen spirit" representa um grito de revolta que despertava a raiva e o desespero de uma geração que não sabia muito bem para onde queria ir.Os Nirvana podem não ter sido a melhor banda grunge, mas foi concerteza a que melhor soube aproveitar o fenómeno que ficou associado associado à figura do seu vocalista/guitarrista Kurt Cobain.



as bandas da década

Secção de Boxe da

Ao soco dentro da AAC

Em pleno ano 2000, a centenária Associação Académica de Coimbra persiste na inovação e na alternativa. É certo e sabido que a AAC vive pelos seus núcleos e secções, assim, cada vez mais apostada em atrair colaboradores e sempre consciente de que cabe aos estudantes dinamizar e manter viva a chama desta associação, nasce uma nova secção. Falamos da recém–criada e até algo desconhecida para a maioria dos estudantes Secção de Boxe da AAC.

Com o intuito de conhecer melhor esta nova secção e também de divulgar um pouco do que lá se faz, "A Cabra" deu um pulinho ao Estádio Universitário para falar com os seus responsáveis e saber quais os seus objectivos para esta modalidade dentro da AAC.

Após um breve contacto, entrevistamos Nuno Vasco, 22 anos, Vice- Presidente e treinador desta secção, antigo praticante de basquetebol e actual praticante de boxe há quatro anos .

Da entrevista que lhe fizemos, aqui ficam algumas conclusões.

A direcção é constituída por um grupo coeso que não é estreante nestas andanças uma vez que todos eles, desde Presidente a Tesoureiro, são também praticantes da modalidade. Funcionando mais do que tudo como um "grupo de amigos" que partilham o gosto pelo desporto (usando as palavras do vice–presidente Nuno Vasco), esta secção está aberta a todos aqueles que desejem experimentar a prática do Boxe.

Apesar de recém–criada (a tomada de posse foi apenas em Dezembro do último ano), esta secção tem vindo a treinar nas instalações do Estádio Universitário desde Fevereiro do mesmo ano. A quem interessar, desde já informamos que os treinos são de 2ª a 5ª, das 19h00 às 21h00.

Uma das preocupações da direcção da Secção de Boxe é a falta de um espaço próprio, uma sala que pudessem equipar aos poucos de acordo com as suas possibilidades e necessidades. De momento o espaço que dispõem é partilhado com outras secções não permitindo a evolução desejada.

No que respeita a praticantes, não discriminando sexo ou idade, a Secção de Boxe da AAC conta já com cerca de 30 atletas inscritos.

Na sua opinião, Nuno Vasco refere que uma das barreiras que se levantam de momento é o facto de, mesmo a nível nacional, o boxe não ser uma modalidade muito divulgada uma vez que mesmo nos encontros que se costumam realizar, a adesão do público deixa algo a desejar. Se por um lado a participação em competições é um dos objectivos (já existem alguns atletas desta secção a participar em provas) ganhar experiência e preparar atletas para as mesmas é o objectivo prioritário.

A Secção de Boxe é uma das mais recentes da AAC

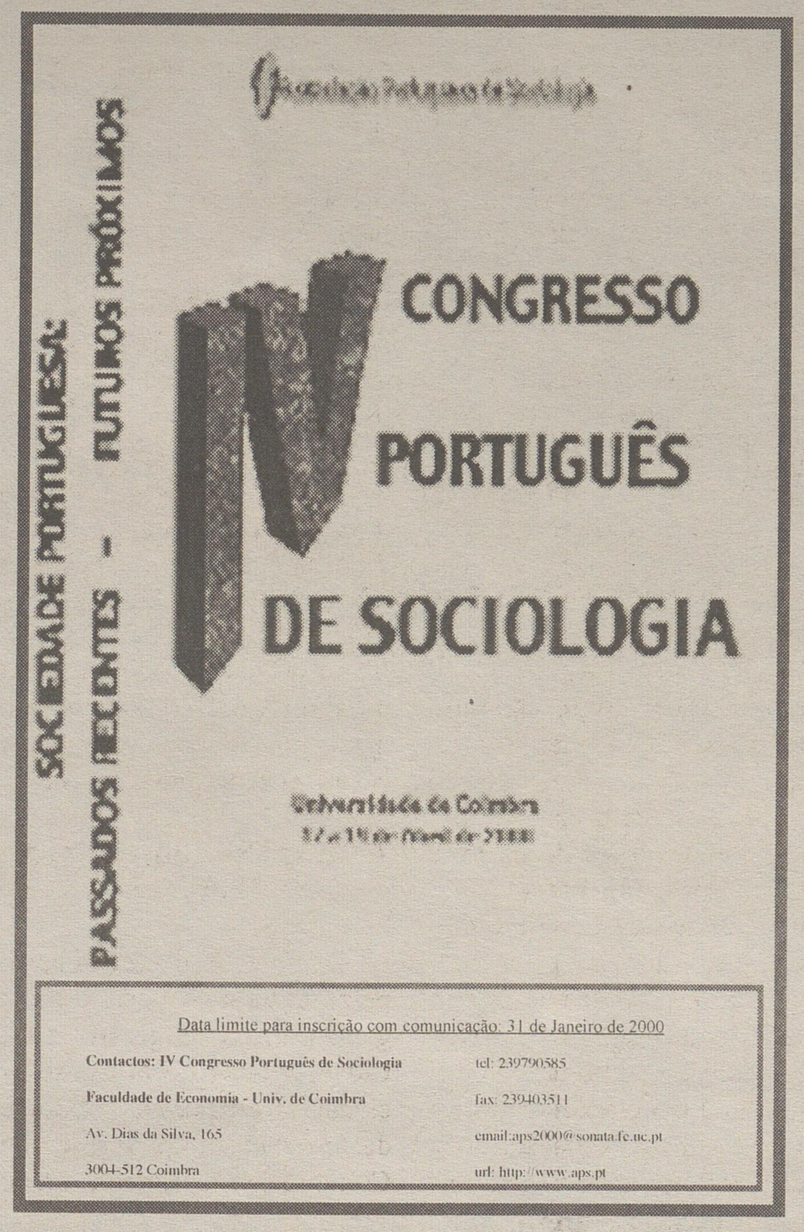
"A Cabra" quis saber o que é que leva as pessoas a optarem pela prática do boxe. Nuno Vasco apressou–se a pôr de parte algum "masoquismo", uma vez que na sua opinião "Há pessoas que vêm para cá porque gostam de andar à pancada" porém essas são as primeiras a abandonar a prática uma vez que o boxe não serve para se "aprender a andar à pancada". Nas suas próprias palavras, um dos grande atractivos do boxe é que este pode perfeitamente substituir outros desportos, como é o caso da aeróbica, havendo até quem pratique o boxe para se manter em forma.

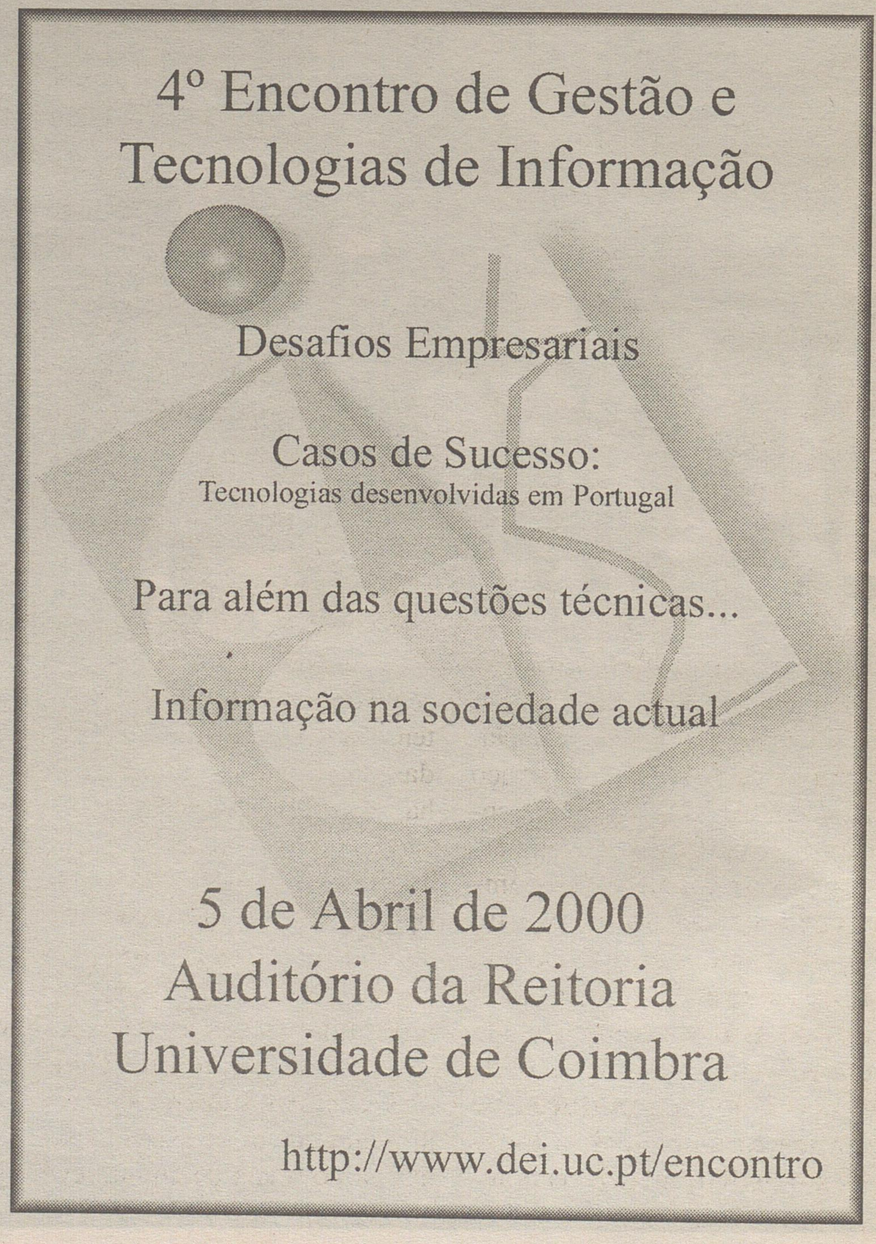
Infelizmente, para este praticante de boxe, a mentalidade das pessoas em relação a este desporto é algo que tem que ser melhorado. Segundo o mesmo, o preconceito que existe deve–se em grande parte ao desconhecimento da modalidade, assim, convém fazer algumas distinções. Existem dois tipos de boxe: o Profissional e o Olímpico. O Boxe Profissional, aquele que levanta mais polémica, basicamente caracteriza–se por um maior grau de violência, os atletas não usam protecção (capacete), as luvas são mais duras, é constituído por doze assaltos de três minutos cada e por fim, o árbitro é algo mais permissivo em relação ao bem estar físico dos atletas. Por outro lado, o Boxe Olímpico tem apenas quatro assaltos de dois minutos, os atletas estão bem protegidos e o árbitro tem um papel mais interventivo visando salvaguardar a integridade física dos atletas.

Nuno Vasco admite que há ainda um longo caminho a percorrer para divulgar e promover o boxe como desporto de lazer e competição.

Para finalizar fica aqui esta mensagem do próprio Nuno Vasco e que se destina a todos os que estão interessados ou indecisos na prática do boxe: "Não tenham medo de vir para o boxe, venham cá para treinar ou fazer manutenção..."

Nuno Dias
Geraldo Barros





Associação Pro Urbe

Mais urbanidade

A Pro Urbe, associação com cerca de cinco anos de existência, actua em Coimbra com o intuito de promover nos cidadãos um espírito comum, uma consciência que contribua para uma cidade que se pretende melhor.

Coimbra: um património a cuidar...

A Associação Cívica Pro Urbe nasceu em Coimbra há cerca de cinco anos atrás, a partir de um colóquio subordinado ao tema "A cidade" (de Coimbra) que contou com a presença de várias personalidades ligadas a diferentes aspectos e áreas da sociedade conimbricense. Desse evento surgiu a consciência de que havia uma cidade a cuidar e a ideia de construir um grupo de debate que posteriormente viria a ser formalizado sob a forma de uma associação. A ideia de então (e que continua presente) é que é necessário existir uma dimensão crítica do espaço habitável ou urbano da cidade de Coimbra, que transpirava uma cada vez maior decadência de urbanidade. A partir desta noção, este grupo de cidadãos propôs–se organizar iniciativas que tivessem em vista esse posicionamento crítico, na perspectiva de elevar o nível da discussão que se necessita . Segundo José António Bandeirinha, vice- presidente desta associação, "hoje em dia os cidadãos estão, de uma forma geral, desligados da vida quotidiana da cidade e só se "mexem" quando surge uma situação que directamente lhes diga respeito como, por exemplo, se por alguma razão deixam de recolher o lixo na sua rua. Queremos com esta associação, fundamentalmente, criar uma noção de urbanidade em que as pessoas se interessem mais pelo meio em que vivem, sendo esta, necessariamete, uma intervenção diferente daquela que institucionalmente já existe: as eleições. Esta participação não só é possível como desejável". Neste sentido, a Pro Urbe tem tentado ser uma associação federada, não elitista, aberta de uma forma geral a todos quantos quiserem participar, para além de tentar sempre que possível trabalhar em parceria com outras associações.

Âmbito da associação

A Pro Urbe é uma associação que actua dentro do espaço de Coimbra, alargando, no entanto, o seu campo de intervenção às localidades compreendidas dentro do distrito de Coimbra. Aquando da sua formação, a associação propos–se avançar com o debate em relação a questões tão diversas como a construção de um teatro municipal, o tratamento de lixo urbano ou o aumento de espaços verdes. A partir da análise destas questões começaram as reuniões periódicas onde eram discutidas as perspectivas de cada um sobre as várias matérias. O objectivo seguinte foi alargar esta discussão, trazendo–lhe a opinião de vários especialistas das mais diversas áreas. Ao munir as diferentes questões de peritos nas diversas matérias, a Pro Urbe não pretende com isto dar qualquer tipo de parecer técnico ou assumir–se com a pretensão de apresentar a opinião correcta. " A Pro Urbe, segundo o seu vice–presidente, tenta que nas questões levantadas na sociedade civil possa haver um maior e mais qualificado leque de opções para que as pessoas possam formular opiniões tendo um maior conhecimento de causa, isto para combater a forma leviana como muitas vezes as decisões são tomadas. Não queremos influenciar ninguém. Queremos sim que as decisões tomadas não o sejam de ânimo leve mas consubtanciadas em algo concreto."

"Não somos contra–poder"

"A posição da Pro Urbe é muitas vezes mal entendida", continua José António Bandeirinha. "É muito difícil passar a mensagem de que a associação não está ao serviço de nada nem de ninguém. A intenção da Pro Urbe não é ,de todo, constituir–se como um contra–poder. Tentamos, pelo contrário, trabalhar em cooperação com outras instituições, entre elas a própria Câmara Municipal. No entanto, não podemos fechar os olhos a certas situações que deveriam decorrer de outra forma. Em vários casos surge a sensação de que as decisões são tomadas por vontades próprias, muitas vezes não qualificadas sob o ponto de vista técnico, cultural e científico. E é exactamente este o objectivo da associação: alargar o âmbito do debate de forma a alterar este estado de coisas".

Tendo como princípios fundamentais a já referida mobilização da população conimbricense para a necessária intervenção no domínio da cidade de Coimbra e o alargarmento da sua participação activa, bem como do debate em torno das principais decisões a serem tomadas no nosso universo citadino, a Pro Urbe não deixa de alertar para a obrigação moral subjacente a cada um de nós de produzir património: "daqui a 100 ou 200 anos vamos ser qualificados como uma geração que nada fez pela cidade de Coimbra".

A Carta Constitucional de Coimbra

O principal projecto a curto prazo desta associação é a organização do congresso "Pela Cidade - Uma Carta Constitucional para Coimbra". A ideia deste evento é conseguir que Coimbra seja a primeira cidade portuguesa a ter uma carta constitucional, não na acepção política do termo, mas com o objectivo de formular um conjunto de princípios–base reguladores e orientadores da actividade e urbanidade da cidade, princípios e regras estas que , não sendo vinculativas, deviam servir de regras a ser cumpridas tanto por cidadãos como por responsáveis políticos. Este congresso pretende ser um espaço de debate com o fim último de produzir a referida carta constitucional. Este congresso será um espaço aberto ao debate, estando este alargado à participação de todos os interessados, desde especialistas ao cidadão comum. A discussão deverá abordar aspectos tão diferentes como a questão da cultura, do turismo, dos transportes, espaços verdes e economia da cidade. Espera–se que esta carta constitucional esteja pronta em Abril de 2001.

Cecília Santos
Sérgio Alves

Afinal... Por onde é que se estuda em Coimbra?!?

Coimbra tem mais encanto?

Para além de todos aqueles eventos por que é conhecida, Coimbra não é apenas as Latadas, as Queimas das Fitas, as "Manifs" ou os cortejos que envolvem multidões. Esta cidade é acima de tudo (e por muitos assim chamada) a "cidade dos Doutores", que vagueiam por entre as ruas, as cantinas, os cafés e as faculdades.

Sala de estudo da Associação Académica de Coimbra

Coimbra é indubitavelmente uma cidade com uma forte componente universitária, que em tudo se reflecte. Não apenas em épocas de exames, (ao contrário do que muitos pensam) em que se enchem as salas de estudo, bibliotecas e cafés, mas também durante o resto do ano onde, nestes mesmos locais, podemos encontrar estudantes entregues à "arte" da aprendizagem e do pensamento crítico.

A razão de ser deste artigo é, nada mais nada menos, do que aquilo que é comum a todos nós e que nos juntou nesta cidade, ou seja: o estudo.

Não pretendemos fazer qualquer roteiro, muito menos uma selecção dos melhores locais para se estudar, até porque isso é sempre muito subjectivo. Pretendemos apenas fazer uma breve caracterização daqueles locais por onde andam os futuros "Doutores de Coimbra".

A tradição continua a ser o que era!

Desde há muito que em Coimbra se estuda. Melhor ou pior, todos nós tentamos de alguma forma disfarçar a nossa natural falta de apetite para digerir infindáveis obras de autores que não nos dizem nada. Se por um lado existem almas afortunadas que conseguem facilmente estudar em cafés ou outros locais do género, por outro lado existem também aqueles que necessitam da calma e sossego de uma biblioteca ou sala de estudo.

"A Cabra" foi visitar alguns desses locais para saber o que os estudantes procuram e o que realmente encontram, anotando pelo caminho as suas críticas e sugestões.

Não menosprezando todos os outros locais que possam aqui não estar referidos, até porque se tornaria demasiado extensivo, debruçamo–nos numa pequena amostra dos locais mais concorridos no meio estudantil.

Estudar?

Perguntam vocês- Afinal quando é que se estuda?

Começa–se algures nas férias de Natal e prolonga–se pelo mês das frequências. Porém há também quem comece a estudar duas, três semanas antes. Ao que parece, tudo depende muito do "sangue frio", (leia–se responsabilidade) de cada um.

Porém, não fôssemos nós típicos portugueses, há ainda quem estude mesmo nas últimas. Os habituais "stressados" que só começam a estudar nas vésperas, quando sentem no ar o inevitável "cheiro a chumbo", não são casos tão raros quanto isso!

E já agora- Onde?

A grande maioria admite sem problemas que na altura de maior aflição, prefere fechar–se em casa e agarrar–se aos livros com todas as forças que tem.

Fomos saber o que eles adoram no seu "lar doce lar".

Acima de tudo, não dispensam o inviolável sossego, a possibilidade de não terem de falar ou cumprimentar seja quem for (incluindo aquele tipo do nosso curso que não suportamos nem a tiro, ao qual nunca tivemos sequer a possibilidade de lhe dizer olá antes da aula das 8 da manhã). Só na nossa "alegre casinha" é possível estudar ao ritmo que mais nos agrada, sem termos de competir com o indivíduo que por caprichos do destino se sentou ao nosso lado.

Acima de tudo, e o que reúne maior unanimidade, é que só em nossa casa é possível fazermos aquelas pausinhas que tanto nos agradam e arranjar 1001 pretextos para fugir ao estudo, desde ouvir música, ver televisão, beber, fumar, fazer um "lanchezinho", enfim, tudo é permitido enquanto a vontade de estudar não chega.

Falando a sério, em casa costuma haver menos confusão e menos distrações. Porém existem excepções quanto baste para confirmar esta regra... desde vizinhos barulhentos, passando por senhorios curiosos e acabando em colegas de quarto irrequietos: tudo pode servir de elemento desestabilizador quando o nosso objectivo é estudar!

De entre a extensa lista de cafés, "A Cabra" visitou cinco daqueles que são um ponto de referência para qualquer estudante de Coimbra. O Café **Sé Velha** , ao cimo do "Quebra–Costas, a seguir à Igreja homónima, é uma paragem obrigatória neste percurso para alunos interessados em conseguir boas notas até com aqueles professores mais... enfim, vocês sabem!

O bar do **Teatro Académico Gil Vicente** (na Praça da República) oferece um ambiente de aparente descontracção atraindo muitos daqueles que nesta altura precisam de alimentar o intelecto.

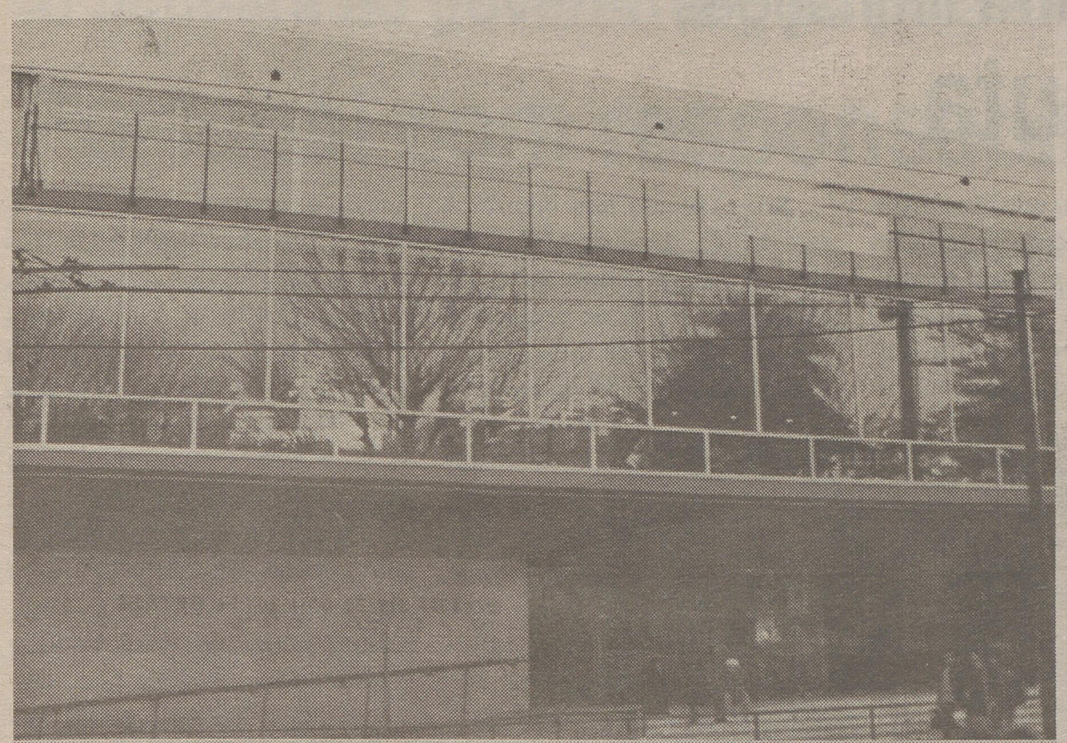
O **Café Internacional** (na Baixa, junto à estação nova) tornou–se num marco no que se refere à combinação estudo/café. Chamamos à atenção para a existência de uma galeria especialmente destinada ao "exercício da massa cinzenta".

O **D.Dinis** (antigo Hospital) ganhou "fama e prestígio" como ponto de paragem obrigatória da noite coimbrã. A contrastar com a azáfama da noite, tem também para oferecer um ambiente mais refreado quando se torna imperativo estudar.

O Académico (também na Praça da República), como o próprio nome indica, é outro dos cafés onde se pode encontrar muito boa gente a passar apontamentos durante todo o ano ou a reler alguns daqueles "livrinhos" que constam da bibliografia obrigatória dos nossos "queridos" professores.

Todos eles trazem já consigo uma certa tradição. Desde há muito que os estudantes procuram estes locais e um exemplo disso é o facto de muitos deles terem uma área específica para estudantes.

Porém, as bibliotecas e as salas de estudo (quer as da reitoria quer as restantes) continuam a ser "o pão nosso de cada dia" para quem precisa de estudar a sério. Não se pense que é apenas em épocas de exames. Também



Bar do Teatro Académico Gil Vicente

Sala de Revistas da Faculdade de Direito

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Instituto Justiça e Paz

durante o resto do ano poderemos lá encontrar muitos estudantes.

Em todas as faculdades e institutos existem salas de estudo, salas de leitura ou salas de revistas. "A Cabra" foi visitar algumas delas para saber o seu modo de funcionamento, o que têm para oferecer e também as suas carências .

Diga–se o que se disser, na hora de "marrar", quando o "stress" nos começa a ameaçar, as bibliotecas, salas de estudo e os institutos das faculdades acabam por ser a melhor solução.

A "Cabra" visitou a **Biblioteca da FLUC**, a **Sala de Estudo e de Revista da FDUC**, a **Sala de Estudo da FEUC**, a **Biblioteca Geral**, o **Instituto Justiça e Paz**, o **C.U.M.N (Centro Universitário Manuel da Nóbrega)**, a **Casa Municipal da Cultura** e a tão conhecida **Sala de Estudo da AAC**. De uma forma rápida e abrangente, a partir das opiniões recolhidas nas entrevistas que fizemos, apresentamos a seguir um quadro que resume os prós e os contras das bibliotecas, salas de estudo e cafés

Hora da Má–Língua

Como "A Cabra" é um jornal sempre com espírito construtivo, achamos que seria interessante divulgar as críticas que os estudantes fizeram durante as entrevistas. Ao que parece, a que reúne maior consenso é o facto de haver lugar nas salas de estudo durante todo o ano, excepto na época de frequências ou exames, altura esta em que toda a gente resolve entrincheirar–se lá. Se isto acontece é porque de alguma forma a quantidade de salas de estudo não é proporcional ao número de estudantes.

Uma outra crítica que surge da parte dos estudantes entrevistados é de que devia haver mais preocupação com aqueles que não têm condições para estudar em casa e que, como tal, precisam de o fazer em salas de estudo ou bibliotecas.

Quem também não parece estar muito feliz são os "caloiros" que chamaram à atenção para alguma falta de apoio e informação.

A falta de equipamentos da mais variada ordem é outro ponto de descontentamento. Começando pelo material essencial como mesas e cadeiras e acabando no material informático, falta de tudo um pouco nas nossas salas de estudo.

Por seu lado, aqueles que optam por estudar em cafés, veêm–se confrontados com situações algo incómodas uma vez que os "exms." proprietários nem sempre vêm com bons olhos o facto de terem meia dúzia de "maganos" a ocuparem–lhes as mesas só para tomar uma bica e beber uma garrafa de água enquanto estudam ou passam apontamentos.

Finalmente, alguns entrevistados alertam para a aparente falta de diálogo entre os representantes estudantis e as instituições, citando o exemplo do encerramento da Biblioteca Geral durante cerca de dois meses em altura "crítica" para os estudantes, ou seja, mesmo antes da época de exames.

Cafés	Salas de estudo
– Possibilidade de trabalho em grupo – Abertos durante a hora do almoço – Possibilidade de conversar, fumar e beber	– Permitem maior concentração – Têm carteiras individuais – Maior disponibilidade de materiais de estudo
– Existência de ruído – Falta de espaço – Alguns donos de estabelecimentos não vêem com bons olhos "tanto livro em cima da mesa"	– Não é permitido conversar – Falta de espaço/lugares – Em algumas bibliotecas e institutos não é permitido levar livros

Cátia Cabrita
Geraldo Barros

Finalistas de Medicina protestam contra limitações

Internos do centro em luta

"A consciencialização dos problemas que cada vez mais assolam as nossas carreiras , a falta de médicos no Sistema de Saúde Português, a lassidão com que nos deparamos na resolução dos mesmos e o recurso à "importação" de médicos estrangeiros levou–nos a uma reflecção profunda e necessidade conjuntade rever e analisar aquilo que achamos mais premente"(in comunicado da C.I.G.C.).

Partindo destes problemas realizou–se, no passado dia 18 de Janeiro, uma reunião de médicos frequentadores do internato geral da região centro, contando com a participação de cerca de 150 Internos Gerais, onde foram discutidos métodos de ingresso, avaliação e seriação de candidatos ao internato complementar.

Salientaram–se várias questões: a dificuldade à entrada nas faculdades de Medicina portuguesas e o ingresso no internato complementar de médicos provenientes de países estrangeiros, quer relativamente à falta de restrições de acesso, quer quanto à duração do próprio curso (em Portugal a formação médica é de seis anos mais um ano e meio de Internato Geral, obrigatórios enquanto que, no estrangeiro, a duração é de cinco a seis anos).

Outra das preocupações é a escassez de médicos no país face ao baixo número de vagas existentes para a especialidade .

Desta reunião saiu um grupo de trabalho denominado Comissão Médica dos Internos Gerais da Região Centro que teve assim como primeira acção de trabalho levar a cabo um projecto de alteração do acesso às Especialidades Médicas,pretendendo–se, nomeadamente, que seja realizado um exame de língua portuguesa. Esta prova tem como objectivo avaliar a capacidade efectiva de comunicação entre os internos e os doentes.

Segundo um dos membros da C.I.G.C., Dra. Ana Filipa Pimentel, "desde à dois anos que existe uma prova de comunicação, em que é feita uma história clínica à cabeceira do doente, essa é passada a limpo e depois existe uma espécie de oral, uma discussão, com o director de serviço do local aonde foi feita essa história. Em seguida é feito um exame escrito com perguntas de cruzes sobre e matéria."

A Comissão propõe , devido ao facto de as provas terem critérios diferentes de avaliação a nível nacional, "que sejam realizadas ,embora nos mesmos moldes, mas posteriormente discutidas numa oral pública. Seriam constituidos três juris centralizados ,em Lisboa, Porto e Coimbra, constituídos por um membro de cada uma das O.M., um médico nomeado pelo Ministério da Saúde e pelo director clínico do hospital", que fariam essa mesma oral.

Quanto à "imprescindível" comunicação médico/paciente que já é bastante dificil de estabelecer entre pessoas que falam a mesma língua , "nós não aceitamos que pessoas que não saibam comunicar em português possam vir a fazer a especialidade ao nosso país. Claro que também se houver uma pessoa de nacionalidade portuguesa que também não saiba comunicar em português fluente também não será um bom médico."

Este projecto foi apresentado no dia 20 à Ordem dos Médicos da Região Centro, estando também prevista a sua apresentação ao Ministério da Saúde após concentração a nível nacional com todos o médicos que frequentam o internato geral.

Ana Laura Alves
Cátia Cabrita

O Despertar da "De Littera"

No passado dia 12 de Janeiro,foi oficialmente apresentada, no Centro Cultural D. Dinis, a revista "De Littera", pela mão de Teresa Machado, Directora, Lola Xavier da coordenação e José Manuel Beato da redacção.

A "De Littera" faz parte de um projecto adormecido durante quase um ano e que, devido a dificuldades de carácter, só agora conheceu a luz do dia.Trata–se de uma revista de "Artes, Letras e Reflexão" de índole claramente cultural, que surge pela dificuldade em debater a arte literária, visando sobretudo aproximar os estudos das artes e das letras e cuja continuidade será assegurada por um grupo autónomo de elementos, quer envolvidos na sua criação, quer futuramente a integrar. No entanto, " não há neste projecto qualquer intenção do tipo messiânico", como afirma José Manuel Beato, que o caracteriza de "recorrente", não havendo pretensão de novidade académica e não constituindo, por conseguinte, "uma causa final".

José Manuel Beato tece mesmo uma forte crítica ao jornalismo sentencioso e sensacionalista, afirmando que as disposições selectivas da "De Littera" "pautam–se pelo literariemente válido, pertinente, logo publicável e ontologicamente significativo para quem escreve numa esfera de partilha comunicativa", acrescentando que este projecto não irá fazer "o culto das elites necessárias nem do puro estatismo artístico.As palavras têm de valer por si, mas de elevar–se também acima da horizontalidade do papel".

Preocupado com a falta de cooperação entre as várias comunidades académicas ligadas à Associação Académica de Coimbra, dizendo mesmo que "não há estimulação de partilha entre os organismos autónomos ligados à AAC", este projecto autopropõe–se como "uma esfera de encontro, de comunhão, de desenvolvimento mediado, entre outros elementos, pela expressão escrita", constituindo um espaço de encontro e união estudantil, bem como de reflexão.

Inserida num contexto com alicerces poético–filosóficos, a "De Littera" pretende ter junto do público igualmente uma presença informativa, acompanhando de perto o que de mais relevante se passa quer a nível nacional, quer a nível internacional.

De tiragem mensal e vendida ao preço de 200$00 a unidade, este projecto conta com o apoio dos Serviços de Acção Social, da Secção de Textos e da Reitoria da Universidade de Coimbra.

A apresentação deste projecto contou com a presença teatral de Ana Pêlo e Leonor Barata e com uma actuação musical à responsabilidade dos "Musicália".

Hugo Afonso

AI acusará ao governo inglês pela excessiva lentidão do caso Pinochet

Portugal com responsabilidades na pena de morte

Evitar que a pena de morte fosse automaticamente identificada com os Estados Unidos era o principal objectivo do Dr Almeida Santos, Presidente da Assembleia da República e Ex-Presidente de Amnistia Internacional em Portugal. Para o conseguir, nada melhor que referir-se ao nosso país afirmando que "mesmo os dois principais partidos portugueses discutiam em 1997 a modificação do artigo da nossa Constituição que proibe a extradição de presos a países execucionistas". Almeida Santos participava, junto com os Doutores Vital Moreira e Costa Andrade, professores da Faculdade de Direito da UC, num debate sobre esta matéria que teve lugar no TAGV no passado dia 11 e organizado pela Secção de Defesa dos Direitos Humanos da AAC.

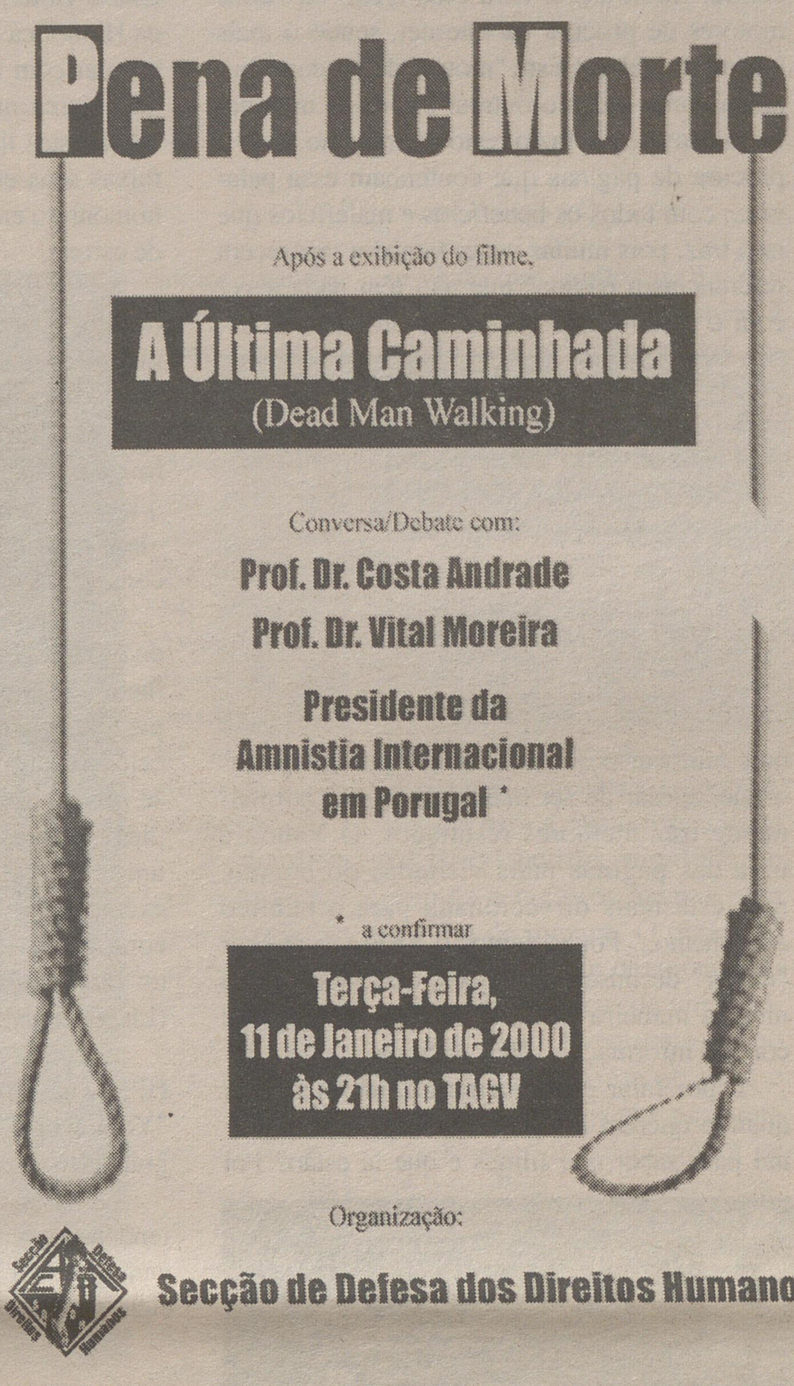
Além de matizar que "se se tivesse aprovado a reforma, as extradições teriam sido feitas sob a condição de que os países solicitantes não executassem os presos", Vital Moreira, representante de Portugal nos organismos de defesa dos direitos humanos da Comissão Europeia, assinalou que "só poderemos fazer uma pressão efectiva em matéria de pena de morte quando os motivos económicos deixem de ser a única referência em termos de política exterior para a UE". Neste sentido destacou que a aceitação da Turquia como membro "esteja hoje condicionada à definitiva abolição da pena de morte em casos como o do líder kurdo Abdalá Occalam".

O debate foi introduzido pelo filme "Dead man walking", realizado por Tim Robbins, protagonizado por Susan Sarandon e Sean Penn e baseado na experiência real da Freira Helen Jolsen que tem de se converter em assessora espiritual de Matthew Poncelet, condenado a morte por homicídio e violação. A sua análise foi o objecto principal da intervenção de Costa Andrade, para quem "o filme nos faz enfrentar directamente à pena de morte, pois o condenado resulta ao final ser culpável. Aliás, -continua- acho que põe de manifesto os seus elementos subjacentes, nomeadamente a desigualdade, os estereótipos, os preconceitos e, sobretudo, a incapacidade dos políticos que a condenam em privado mas não podem ressistir à pressão da opinião pública".

A eutanásia ou o Caso Pinochet foram algumas das questões de actualidade colocadas durante as intervenções do público. O debate contou também com a aportação dum ex-presidiário que denunciou "as degradantes condições humanas e psicológicas" que teve de soportar na cadeia, à que se referiu como "uma morte lenta". Almeida Santos assinalou "a excessiva lentidão da justiça" como causa de que Pinochet seja liberado por "razões humanitárias" e anunciou que "empreenderemos acções contra o governo britânico". Apesar de ter sido assinalada por Costa Andrade como "modelo de luta contra a repressão, a Faculdade de Direito foi também objecto de crítica por um interveniente que assegurou ter-se demonstrado numa recente sondagem "o apoio maioritário dos seus alunos à pena de morte".

Todos os participantes concordaram en que ainda devem mudar muitas coisas para que desapareça um castigo que, segundo dados de AI, tem provocado a morte de 3600 pessoas e continua a manter-se em mais de 100 países.

Miguel García-Sancho



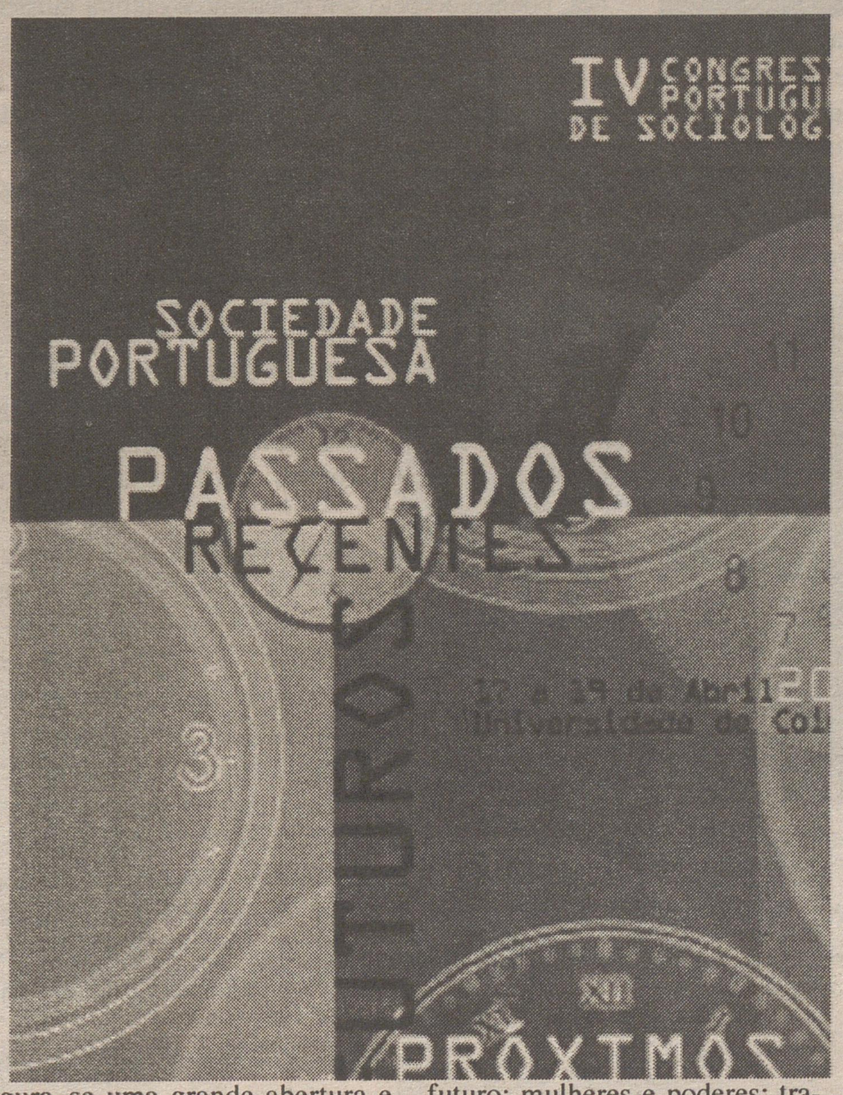
Congresso de Sociologia em Coimbra

O IV Congresso Português de Sociologia vai realizar-se em Coimbra de 17 a 19 de Abril de 2000. Os três congressos anteriores efectuaram-se na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa (1988, 1992 e 1996). Desta vez, o mais importante encontro da comunidade sociológica portuguesa vai decorrer na Universidade de Coimbra (Auditório da Reitoria e Faculdade de Economia).

O congresso, subordinado ao tema "Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos", afigura-se de enorme interesse não só para os estudantes e profissionais da sociologia como para os interessados nas ciências sociais e para todos quantos desejam obter uma compreensão profunda e esclarecida sobre a realidade social dos nossos dias. No dizer dos seus responsáveis, o congresso "pretende fornecer um retrato actualizado da sociedade portuguesa contemporânea, dando atenção especial aos efeitos decorrentes da sua inserção europeia e aos modos de adequação interna das influências mais amplas da globalização."

A conferência inaugural será proferida por Richard Sennett, sociólogo da New York University e estudioso das questões da cultura, do espaço público e das relações no mundo do trabalho. Esta conferência será comentada por José Madureira Pinto. Realizar-se-ão também duas sessões plenárias. A primeira intitula-se "A Globalização, a Europa e Nós" e o elenco dos oradores é composto por Boaventura de Sousa Santos, Hermínio Martins e João Ferreira de Almeida. Contará ainda com Fernando Medeiros no papel de comentador estando a moderação a cargo de Maria de Lourdes Lima dos Santos. A segunda sessão plenária encontra-se subordinada ao tema "Democracia e Esfera Pública" sendo oradores Ana Nunes de Almeida, Augusto Santos Silva e Manuel Villaverde Cabral. Juan Mozzicafreddo será o comentador e António Teixeira Fernandes moderará o debate.

Para além das referidas sessões, realizar-se-ão seis painéis temáticos e reunir-se-ão dez grupos de trabalho distintos organizados de acordo com as propostas de comunicação dos participantes. Deste modo, assegura-se uma grande abertura e amplitude ao nível dos assuntos e problemáticas a tratar: ambiente, território e desenvolvimento; solidariedades, bem-estar e democracia; o trabalho e o futuro; mulheres e poderes; trajectos da sociologia; lugares e expressões dos afectos; Estado, governabilidade e políticas sociais; cidadania, desigualdades e conflito social; identidades, etnicidades, marginalidades; mudança tecnológica, trabalho e produção; reorganização dos saberes, ciência e educação; urbanidades, ruralidades e dinâmicas socioespaciais; práticas culturais e comunicação; família, género e trajectos de vida; estilos de vida, valores e expressões corporais; práticas sociológicas: teorias, metodologias e experiências profissionais.



O IV Congresso Português de Sociologia é organizado pela Associação Portuguesa de Sociologia (APS), cuja direcção é presidida por Carlos Fortuna, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Sociais. A APS foi constituída em 1985 e conta, neste momento, com mais de um milhar de sócios. Tem por objectivo fundamental o desenvolvimento da sociologia e dela podem ser sócios todos aqueles que se identifiquem com esse objectivo.

Uma nota final vai para a questão das inscrições. O prazo limite, no caso de se pretender apresentar comunicação, é 31 de Janeiro de 2000.

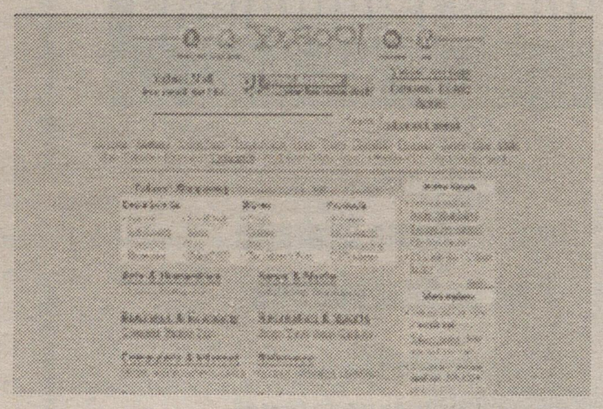
André de Brito Correia

artes

LIGUE-SE

CyberCabra

Uma das maiores dificuldades que os "novatos da net" têm é a de não conseguirem encontrar informação. Para esse efeito há vários motores de procura na Internet, sendo o mais famoso o Yahoo! Este "motor" de procura funciona como todos o outros: insere–se uma palavra chave e ele faz o resto do trabalho, indo à procura de páginas que contenham essa palavra... com todos os benefícios e malefícios que isso traz, pois muitas vezes também aparecem referencias a páginas que não têm nada a ver com o assunto que queríamos procurar. Pode-

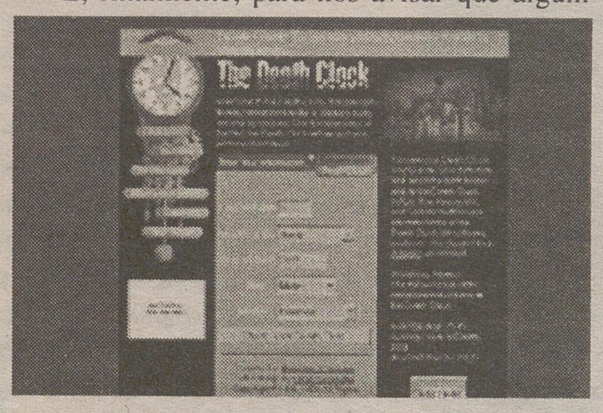


mos também procurar assuntos por categorias o que, apesar de ser mais demorado, normalmente traz melhores resultados. O Yahoo é uma das páginas mais visitadas do mundo, mas está mais direccionada para o público Americano... Por cá temos o SAPO, o melhor "motor" de busca português, que funciona da mesma maneira como o Yahoo. Só que este contem informação 100% nacional.

E por falar em informação, não detestam quando querem ir ao cinema e não têm o jornal para saber que filmes é que lá estão? Foi

por isso que me pus à procura da solução, aparecendo então a página "7ª Arte - Cinema em Portugal". Esta página é actualizada diáriamente, contendo informações sobre os filmes que estão em quase todas as salas de cinema portuguesas, para além de aqui se fazerem criticas a todos os filmes que saem e, ainda por cima, poderem–nos enviar um e–mail todas as sextas feiras a dizer os filmes que estão nos cinemas da nossa zona.

E, finalmente, para nos avisar que algum



dia morreremos, apareceu na net a página do "Deathclock", onde inserimos a nossa data de nascimento e dizem–nos o dia em que vamos morrer segundo 3 perspectivas, a normal, a pessimista e a sádica.

Rui Alves

http://www.yahoo.com/
http://www.sapo.pt/
http://cinema.etc.pt/
http://www.deathclock.com/

OUVE-SE

Hipnótica - "Enter" (NorteSul, 1999)

Sob o efeito de... Hipnótica

Num ano pleno de agradáveis surpresas - Belle Chase Hotel, The Gift, Raindogs, Sequôia, entre outros - os Hipnótica resolveram esperar pelo cair do pano para nos brindar com um dos álbuns mais inovadores no panorama da música nacional dos últimos tempos. Formados em 1994, estes lisboetas foram desde então lançando algumas faixas suas em várias complilações, tendo editado um EP homónimo em Maio de 1998, até à edição desde seu álbum de estreia.

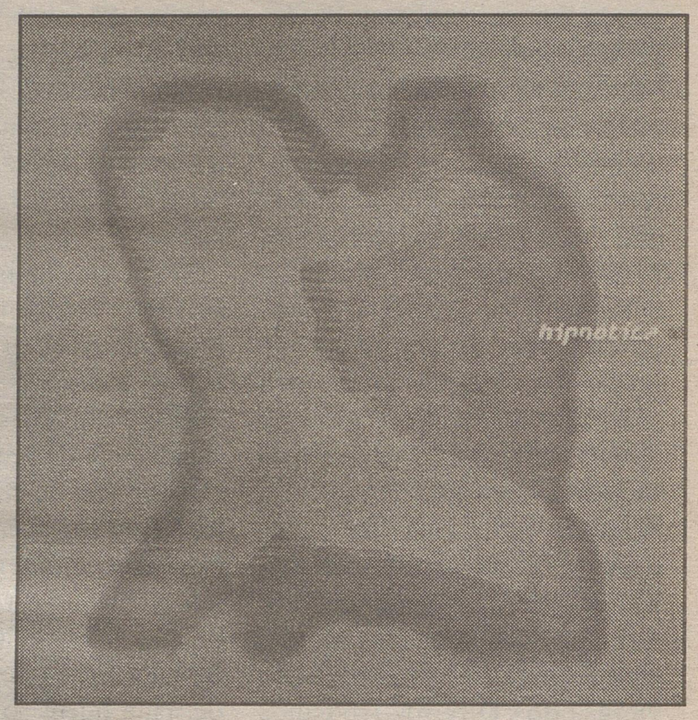
"Enter" será quase como uma experiência química (muito) bem sucedida onde a combinação de vários instrumentos, sons e géneros musicais resultam na perfeição, dando lugar a um trabalho rico em contrastes e fusões. Assim, em "Enter", os Hipnótica transportam, de um modo invador para a música nacional, uma amálgama de sons que recriam elementos de correntes actuais, como um trip–hop com base nos sons de Bristol e componentes rock conjugadas com alguns ambientalismos instrumentais.

O fascínio pelo jungle está bem patente ao longo do álbum, com particular evidência para "Buildings above them". A exploração de uma vertente mais jazz deste jungle ("jazzyjungle", segundo os próprios) é ajudada pela excelência das prestações do baterista António "Watts" como se regista em "Vision of joy". Esta combinação de múltiplas vertentes musicais é o caminho para a transposição de um imaginário colectivo próprio do grupo, reflectido por exemplo em "Reopen the door". Este imaginário é um recorte poético sobre paisagens virtuais, que tem como pano de fundo imagens de melancolia e romantismo urbano (Lisboa, cidade de contrastes - factor de criação)

Saliente–se, ainda, a participação de Arkham Hi*Fi, na produção adicional e remistura do tema final: "Your world"; bem como o facto de o agradável design gráfico ter ficado a cargo de Barbara Says.

Em formato Digipack, "Enter" é um hibrido de tendências musicais que, ao serem projectadas na actualidade, transmitem simultaneamente a ideia de fecho de um ciclo e prelúdio de uma nova era para a música portuguesa.

Tiago Marques
Filipe Damil Vicente



Ryuichi Sakamoto - "BTTB" (Sony Classical, 2000)

Piano solo...

Ryuichi Sakamoto, consagrado compositor japonês, conhecido pelo seu ecletismo e cultura musical, surge neste início de 2000 com a edição de dois álbuns: "Cinemage", uma recolha em jeito de compilação do material que constitui a participação de Sakamoto nas bandas sonoras de vários filmes, como "O Pequeno Buda" e "O Último Imperador"; e "BTTB", que se define como um regresso do compositor a uma vertente mais clássica, já antes anunciada no seu álbum "1996".

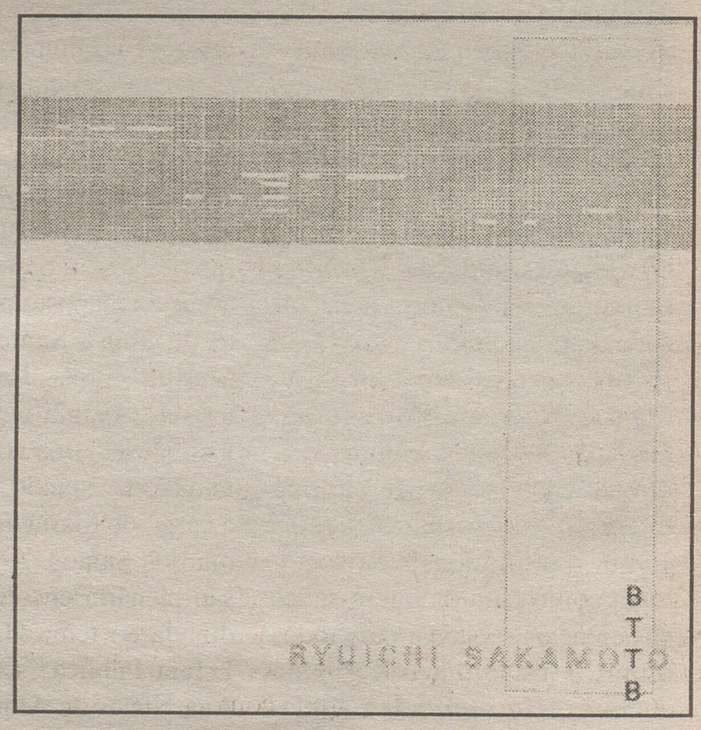
"BTTB", iniciais de "Back To The Basics", é exactamente aquilo que o seu título pretende sugerir: aqui encontramos um Sakamoto mais distante das tendências pop que o celebrizaram, abandonado agora a um piano do qual retira, com inquestionável mestria, um conjunto de 16 miniaturas de composições cuja inspiração é nitidamente clássica.

Este novo trabalho do compositor nipónico assenta numa série de referências sólidas da história da música para piano, com especial incidência para a escola impressionista francesa dos séculos XIX e XX, onde pontificam vultos como Debussy e Chopin; conjugada com outros nomes da actualidade, como é o caso de Michael Nyman.

Disto resulta um conjunto de composições que sublinham um perfil lírico e uma expansão melodista, onde se exploram todas as potencialidades do piano enquanto fonte de som. O intimismo de "Energy Flow" abre o alinhamento das faixas que compõem o álbum, sendo no entanto este um fluxo energético que se desvanece ao longo do trabalho, cujas soluções reduzidas o fazem cair numa entediante monotonia.

Assim, o regresso às origens de Ryuichi Sakamoto em "BTTB" apresenta um ciclo de composições para piano solo, onde existe um controlo exacto do tempo e ambiente musical que tem como corolário um excessivo formalismo monotónico. Agradável, para ouvir com volume baixo.

TM
FDV



feitas

VÊ-SE

"O Projecto Blair Witch"

Daniel Myrick e Eduardo Sanches EUA ; 1999

O filme tem dado muito que falar nos últimos tempos, especialmente nos meios da Internet, onde várias páginas têm sido criadas para dissertar sobre o fenómeno Blair Witch. Todo este bruaá à volta do filme contribuiu para que ele fosse um dos mais rentáveis da história do cinema americano. Os dois realizadores, que se conhecem desde pequenos e cultivam um fervoroso gosto pela sétima arte, investiram todas as suas energias e economias na produção do filme. Ou seja, custos na ordem dos 7200 contos tranformaram–se em lucros espantosos de 26 milhões, só nos Estados Unidos, graças às concorridas exibições do filme.

Por trás do sucesso encontram–se essencialmente duas razões. A primeira tem a ver com uma promoção, através da Internet, sem precedentes no cinema americano. Segundo, um novo conceito de produção baseado na maximização de recursos, em vez do habitual estilo "hollywoodesco" de massificação desconexada de efeitos especiais. O resultado é uma obra que desiludiu algum público, que esperava um filme de terror na linha dos "Scream" ou "A Mansão". Não senhores... O que temos aqui é uma verdadeira palmada no marasmo em que caiu o cinema de terror dos últimos anos. Uma obra com uma filmagem peculiar, na linha dos filmes caseiros, e dotada de um realismo documentário assombroso. Alguns consideram isto mau, outros genial. Todavia, o mérito do filme reside na novidade da sua abordagem e no desenrolar eficaz da acção narrativa.

A escolha por uma filmagem puramente subjectiva, teve efeitos surpreendentes nos espectadores e no carácter do filme. Consta que muita gente se perturbou ao ponto de sair ao meio do filme. Por outro lado, muitos acharam a obra um óptimo exemplo daquilo que um filme de terror deve ser. Porquê? Porque a obra joga muito mais com aquilo que não se vê do que aquilo que é visto. O que nós vemos e sentimos é aquilo que os protagonistas sofreram no ecrã. Será que os argumentistas/realizadores, Daniel Myrick e Eduardo Sanches, tentaram exacerbar as reacções dos espectadores ao aproximá–los às sensações dos actores? Só o visionamento do filme é que pode responder a esta pergunta.

Quanto aos protagonistas, Heather Donahue, Michael Williams e Joshua Leonard, partem para a misteriosa cidade de Burkittsville, munidos de comida e cigarros apenas para um fim de semana. O objectivo deles é filmar um documentário sobre a lenda local de uma bruxa maléfica. Aventuram–se no bosque filmando quase tudo o que veêm com uma pequena "camcorder" e uma câmara de 16 mm. Para a sua sobrevivência numa floresta obscura, os acossados recorrem aos seus instintos mais primitivos. Mas a boa disposição cedo se transforma em preocupação, ao perderem o seu caminho, e finalmente em terror puro, ao serem alvos de uma perseguição implacável.

Helder Silva Dantas

LÊ-SE

"Cisnes Selvagens - Três Filhas da China"

Jung Chang ; Quetzal Editores; 1998

O que esta obra nos oferece superou as minhas expectativas iniciais. Muito mais do que apenas uma autobiografia na primeira pessoa, "Cisnes Selvagens" constitui um olhar sensível sobre a História do país mais populoso do mundo ao longo do século XX. Desde a queda do Império Manchu em 1911, até a saída da autora para a Grã–Bretanha e passando pela ditadura de Mao Tsé–Tung e a sua famosa "Revolução Cultural" em 1966, encontramos uma radiografia da ainda misteriosa China dos nossos dias.

As três filhas da China no título, reportam–se à própria Jung Chang, à sua mãe e à sua avó materna. Com efeito, a história começa com a avó que foi uma das muitas mulheres chinesas a ter os pés enfaixados. Na época, uma mulher com pés pequenos, chamados "lírios dourados com oito centímetros" (san–tsun–gin–lian em chinês), era considerada como eroticamente desejável. Para os homens chineses do início do século passado, uma mulher vacilante desperta neles um instinto protector. Um costume, de entre os muitos, que teve resultados surpreendentes como se lê no livro. A mãe da autora foi uma das primeiras pessoas a aderir à "onda revolucionária" dos comunistas contra Chang Kai–Chek do Kuomintang. O fervor ideológico e patriótico do "Grande Timoneiro", Mao Tsé–Tung, despertava nos seus sequazes uma lealdade quase cega. Jung Chang nasceu, assim, no âmago de todas estas transformações sociais, políticas e ideológicas.

O grande mérito da obra não reside na sua qualidade literária propriamente dita. No entanto, é um daqueles livros "de pegar e não largar". A descrição das paisagens chinesas é tão realista que nos despertam a vontade imediata de ir lá descobrir uma cultura desconhecida e rica. A contextualização histórica e espacial é muito bem conseguida, porque parte da urdidura de quem testemunhou todas estas pequenas revoluções como participante activo nelas. Aqui explica–se a origem do "Diário do Povo", jornal oficial do regime, o "Livrinho Vermelho" de Mao, costumes familiares, acontecimentos inusitados e tantos outros pormenores que só enriquecem o que se pode chamar de documento histórico–autobiográfico.

Uma leitura, de facto, deleitosa, intimista e inesquecível.

HD

Falta de espaço

"A Universidade de Coimbra tem 22 mil estudantes e não há um sítio público permanentemente aberto para que possam estudar".

Com esta ideia em mente, dois estudantes, João Martins e Mário Alberto Santos, habituais frequentadores da sala de estudo da AAC, descontentes com a falta de lugares para estudar, estão a levar a cabo um abaixo–assinado com o intuito de alertar as entidades competentes para esta situação.

Durante o fim–de–semana a situação agrava–se uma vez que todas as bibliotecas estão fechadas e a Universidade não tem à sua disposição um único local para quem procura estudar fora de casa, e são muitos os que, devido às suas condições muitas vezes precárias, são obrigados a fazê–lo.

As únicas excepções são a Sala de Estudo da AAC e o Centro Universitário Manuel Nóbrega. A Sala de Estudo da Associação Académica situa–se sobre uma sala de ensaios da Seccção de Fado, conta com menos do que uma centena de lugares não tendo o seu espaço capacidade para tanto.

Esta iniciativa, à qual a Direcção Geral(DG) da AAC se associou, irá prolongar–se para lá da época de exames estando disponíveis para assinatura cópias do abaixo–assinado na DG.

Projecto Bunker

O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra(CAPC) apresenta no Centro de Arte Contemporânea o "Projecto Bunker", coordenado por Miguel Leal.

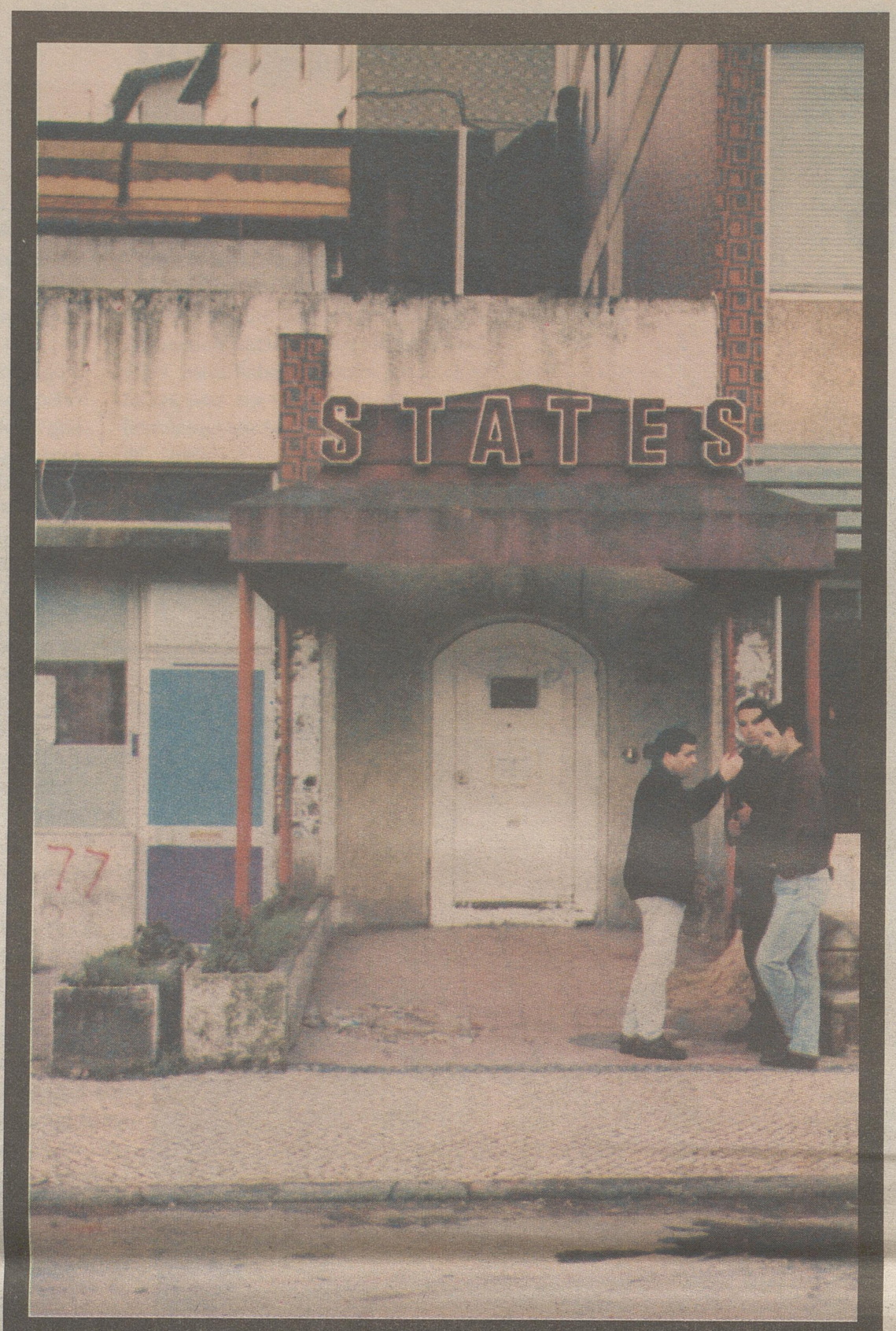
A instalação reúne uma série de objectos e estruturas relacionadas com poder, guerra, política, economia e também arquitectura e literatura. Contudo, não deve ser entendida como uma vulgar recolha de elementos históricos mas antes como um singular espaço de diferentes significados que exigem do visitante uma certa predisposição para os entender. De acordo com o folheto informativo,a instalação pretende "gerar sentido e tensão entre um conjunto de peças e iniciativas até agora dispersas no tempo e no espaço". Apoiada em alguns suportes técnicos - vídeo,computador e projecção de imagens-, conta ainda com uma livraria.

Esta fabulação de Miguel Leal insere–se no âmbito de uma espécie de organismo virtual- o Museu de Estratégia Moderna (MOMS) - que surgiu em 1997 e tem vindo a questionar e criticar o papel convencional dos museus. O MOMS pertence a um outro projecto chamado BUNKER que é, por sua vez, composto por uma categoria que engloba os Departamentos Analítico, Internacional, de Arte e o projecto "Revolting the Museum" e por outra categoria que envolve os projectos "Bird's Eye", "Night Watch" e "War in Theory". Todos eles encontram–se de algum modo presentes neste evento de Coimbra.

Ora,o BUNKER e seus respectivos orgãos que já passaram por diversas cidades do mundo são puramente ficcionais e têm na internet e nas instalações que organizam dois importantes meios de divulgação e expansão.

No caso de Portugal, o Departamento de Arte espera criar um museu dentro dos moldes do BUNKER em Matosinhos que será desenhado pelo arquitecto Duarte Soares Lena.

Pelo carácter inovador, revolucionário e esporádico desta instalação, torna–se obrigatório passar pelo Centro de Arte Contemporânea para tomar conhecimento daquilo que Miguel Leal e o "Projecto Bunker" prepararam. Convém lembrar que o CAPC, organismo autónomo da Universidade com mais de quarenta anos, localiza–se agora no Parque de Santa Cruz/Jardim da Sereia. O horário da exposição que funciona de terça a sábado é das 14 às 20 horas e a entrada custa 150 escudos.



Por esta porta entraram gerações de noctívagos conimbricenses, visitantes ocasionais e cultivadores de um modo diferente de viver a noite em Coimbra. Entraram e já não entram mais. O "States", mítica discoteca da Lusa Atenas, fechou definitivamente as portas no passado dia 15 de Janeiro e não abre mais, pelo menos enquanto "States". Durante 15 amos de actividade, este foi o local de encontro das várias tribos alternativas que recusavam a oferta estandatizada e comecial das outras casas da noite. Encontros e desencontros, amizades e amores ou simplesmente o gosto de estar num sítio onde a liberdade e a descontração marcavam presença. Dos "Cramps" aos "Ramones" do pop ao "Glam" da dança ao "gótico" um pouco de toda a música "alternativa" conversou com uma parte de cada um dos que fizeram do "States" a sua "casinha" de fim de noite. Coimbra perdeu, e os boémios vão sentir a falta de um espaço que proporcionou aos "incondicionáveis" e aos "esporádicos alguns dos melhores momentos da sua vida. É assim, tudo tem um fim e a nostalgia não pode afogar o ímpeto de desfrutar do melhor que a noite oferece.

Associações de Estudantes em Coimbra

As várias Associações de Estudantes reuniram no passado dia 24 deste mês na cidade de Coimbra respondendo à convocatória da Direcção Geral da AAC. Sobre a mesa esteve, sobretudo, a analise da reunião tida com o Ministro da Educação, Guilherme de Oliveira Martins, no passado dia 12. As Associações de Estudantes presentes concluiram que, da reunião com o Ministro, nada resultou de conclusivo, quer sobre as respostas que o Ministério da Educação pretende dar aos graves problemas que afectam o Ensino Superior, quer sobre a politica educativa do Governo. Entendeu–se, ainda,que o único compromisso assumido de forma clara pelo ME diz respeito ao conceito do Estudante Elegível. Guilherme d`Oliveira Martins terá assumido que o Estudante–Elegível deverá ser encarado numa óptica de promoção da qualidade e combate à exclusão, adiantando que este é um conceito que não deve ser encarado como instrumento de financiamento. Face a estas declarações, as Associações pretendem ver esclarecida a posição do Governo em relação a esta questão, já que existe dissonância relativamente ao conteúdo da lei que institui este conceito.

Espaço Lusófono

Promovido pela Pró–Reitoria para a Cultura, realiza–se de 26 a 28 de Janeiro a iniciativa Espaço Lusófono - Encontro de Culturas. Com o objectivo de promover, sobretudo, a difusão da literatura lusófona, o Espaço Lusófono a decorrer no Teatro Académico de Gil Vicente, contará com uma série de outras iniciativas, entre elas uma exposição fotográfica e a projecção de um filme ("Um Copo de Cólera"). No dia 27 terá lugar uma mesa–redonda subordinada ao tema "A presença das literaturas africanas nos programas de ensino em Portugal", para no dia 28 ter lugar um outro debate, desta vez dedicado ao tema "Ensino da literatura brasileira em Portugal".

João Vaz Silva